

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

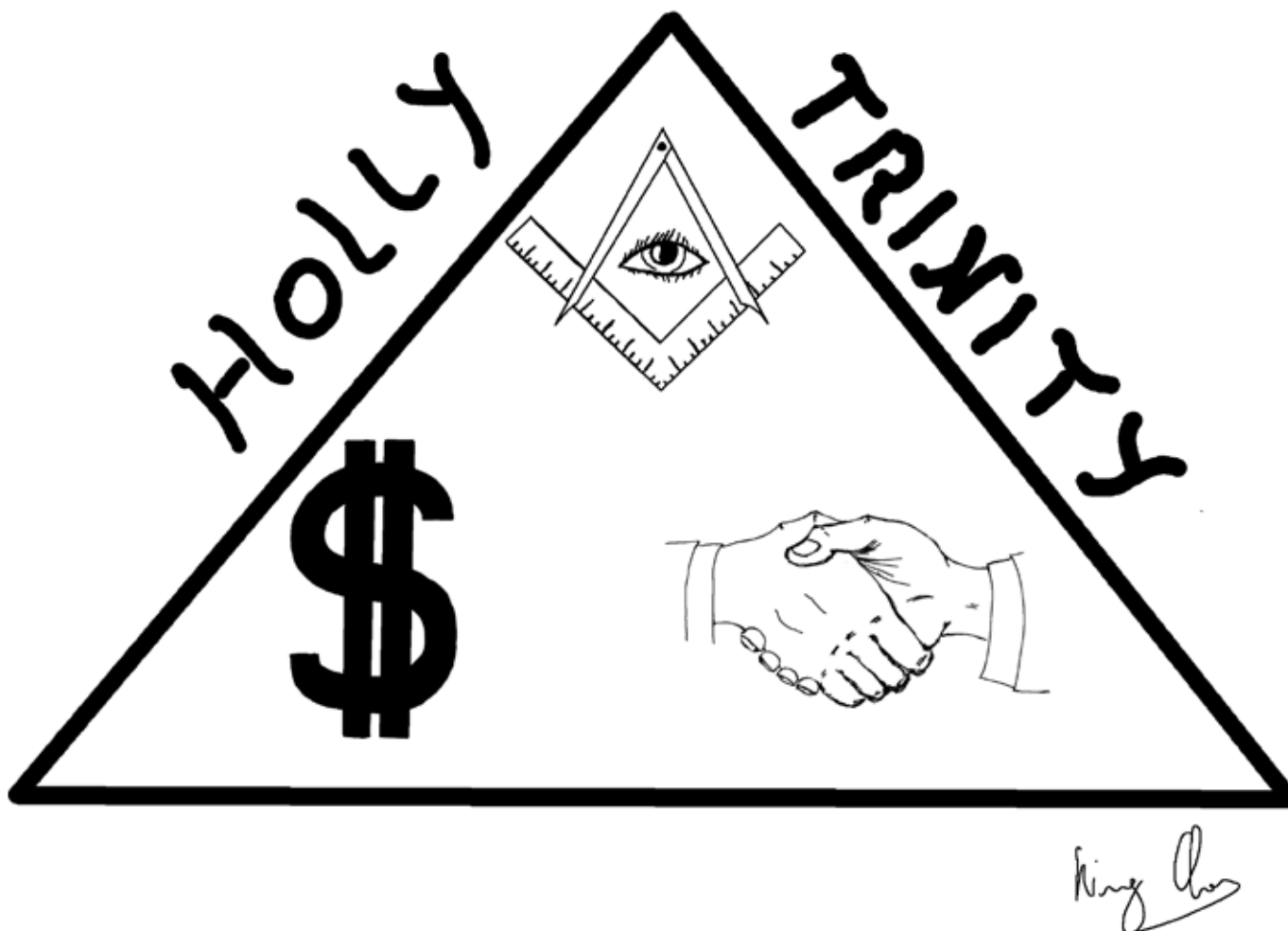
Nº XXIV III/X Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXIV

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende,
King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Charles Sang-
noir, Devis, Fátima Vale, Flávio Gonçalves, José
Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luiz Pires
dos Reis, Naive, Paulo César, Paulo Sequeira, Vitor
Vieira

Revisão: Metzli

Capa: Paulo César

Créditos das Imagens:

Pág.1, 16: Paulo César – www.paulocesar.eu

Pág.3: Stan Bossard – stanbos.deviantart.com

Pág.4: Dominika – metlina-chan.deviantart.com

Pág.6: Justyna – allantiee.deviantart.com

Pág.7: Tatiana – pennypaints.deviantart.com

Pág.8: Shawn Yu – gunkid.deviantart.com

Pág.10: Roger – galifardeu.deviantart.com

Pág.11: erNaste Nassimo – nasimo.deviantart.com

Pág.13, 14: Spabilados – www.spabilados.net

Pág.15: Mike Agro – magro.deviantart.com

Pág.18: Capa Spabilanto – Incomunidade

Pág.19: Capa Falosofia – Incomunidade

Pág.20: Diana e Actèon

Pág.26, 27: MedsOfMaryKate – medsofmarykate.deviantart.com

Pág.28: Iustyn – iustyn.deviantart.com

Pág.29: Heather – nightmares06.deviantart.com

Pág.30: Omega Dollfie – omnagata-stock.deviantart.com

Pág.32: Charlotte Thomas – bigcitydream.deviantart.com

Pág.33: Alex Cican – alexican.com

Pág.35: Mia Calderone (do filme de Shridhar Reddy) – misselephante.deviantart.com

Pág.36: Shannon Gillespie – kaasha.deviantart.com

Pág.37: Mediodia – mediodia.deviantart.com

Pág.38: Alexandre – johnnymaggot.deviantart.com

Pág.40: Jonathan Weeks – jonathanweeks.deviantart.com

Pág.42: Eldbjørg M. Goa – devilssextoy.deviantart.com

Pág.43: Whitney – whitney12339.deviantart.com

Pág.44: Stephen Sheehan – stephensheehan.deviantart.com

Pág.45: David Moss – element-spirits.deviantart.com

Pág.46: Gromyko Padilla Semper – gromyko.deviantart.com

Pág.48: Audrey – teaspoon00.deviantart.com

Pág.49: Kerry – kakhanyou16.deviantart.com

Pág.50: Nuno Figueira – duendeverde.deviantart.com



Editorial

Lurker & Mosath

Tenho alguém que considero um amigo próximo que fala muitas vezes de serpentes, em particular como elas mudam regularmente de pele, num acto que é misto de renovação e de purga. Todos nós mudamos, e a mudança é um motor da evolução, que por sua vez é um dos pilares do Satanismo. E também por essa razão que a própria Infernus precisa de se renovar de tempos a tempos. Assim sendo, este é o primeiro número do resto da vida da Infernus.

Foi há já quase 6 anos que iniciei este projecto, uma viagem prazenteira que tenho o privilégio de privar com um grande leque de indivíduos extraordinários. Pessoas que dedicam o seu tempo e capacidade criativa a ajudar a construir aquela que é, sem grande margem para dúvidas, a melhor revista de Satanismo existente na actualidade. Mas como em tudo o resto, também 6 anos mudaram muita coisa na minha vida, e essas mudanças obrigam a um maior afastamento deste projecto. Nada que não estivesse no plano original, e por isso é com naturalidade que um desses indivíduos extraordinários assume agora uma figura mais preponderante ao leme da Infernus.

Já todos vocês conhecem o Mosath, que nos acompanha desde muito cedo. Não fosse pelo seu suporte e esforço sem reservas, muitas das anteriores edições da Infernus dificilmente teriam visto a luz do dia. E agora esta edição que hoje têm nas vossas mãos é fruto do seu trabalho. Por isso, nada

melhor do que lhe dar a palavra:

Numa sociedade com cada vez mais propósito em se lançar para o abismo, nunca foi tão importante a Infernus permanecer de mente a funcionar e de caneta na mão.

A inclinação da Humanidade para estereótipos de sociedades secretas, troca de influências e passagem de cartas por debaixo da mesa, sempre existiu e respirou com intensidade, apesar de cinismos e hipocrisias geralmente demonstradas face a exemplos concretos. Essa mesma inclinação, aliada a uma estupidez gritante e a uma apresentação frontal de radicalismos, tem levado a que muitos indivíduos se percam nas teias das influências e dos fogos-de-artifício do mundo.

Numa edição que procura, em grande parte, concentrar-se em motivos de influência, características que despertam as cabeças das pessoas a conjecturar ou conspirar por alguma coisa, ao invés de propriamente identificar quem devia puxar o mundo para a frente. A leitura será inspiradora, cultural e contra-corrente, ao melhor jeito indulgente dos nossos contribuidores.

Independentemente de quem se encontra no leme, a Infernus é um veículo que se move devido a muitas pessoas, cujos nomes podem ver nestas páginas. Quanto a mim, por cá estarei sempre, embora num papel diferente – não se escolhe ser Satanista, e portanto também não se deixa de o ser.

Boas leituras, espero que gostem tanto desta edição quanto eu! •

ÍNDICE

Lentes embaciadas da mente ----- 4
Mosath

Ex.mo Sr. Eng. Lucifer ----- 8
Aires Ferreira

O Rei do Mundo ----- 11
Devis deviLs Granziera

Omfagia da Ranhura de Carlos Vinagre ----- 13
BM Resende

Estar vivo pode ser ilegal ----- 15
Fátima Vale

cacaforismos do desaforo ----- 16
Luiz Pires dos Reis

Theologia Theatrica ----- 20
Júlio Mendes Rodrigo

O Individualismo genial ----- 26
Metzli

O Manto do Oculto ----- 30
Vitor V.

Lilith - A gafe do criador II ----- 33
Outubro

Reacções de Maillard ----- 36
Charles Sangnoir

Bilderberg Realidade Escondida ----- 38
Lupum

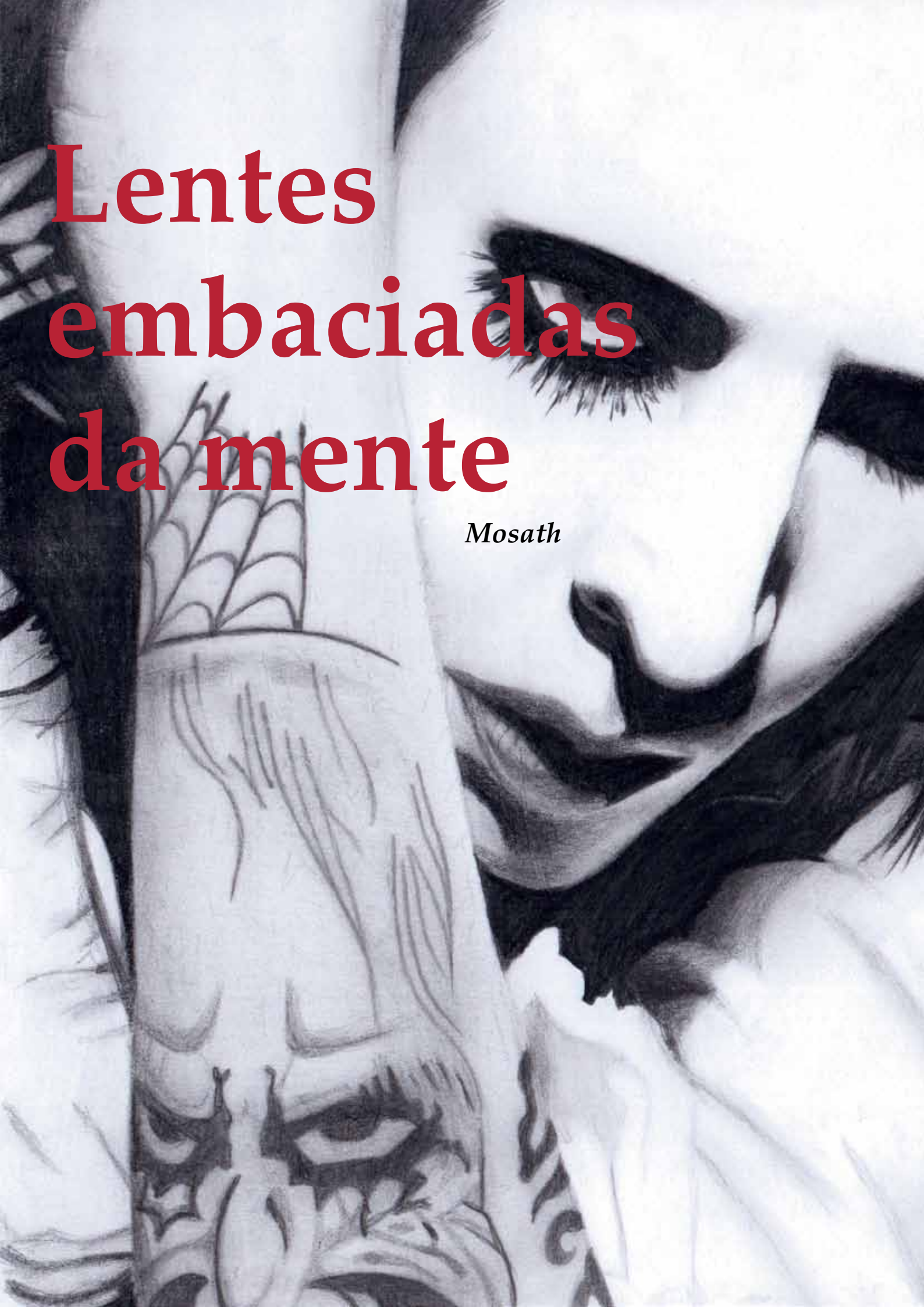
O Triunfo do Terror Fantástico ----- 42
Flávio Gonçalves

"Oh Captain, My Captain ----- 44
Naive

Casanova - breve história ----- 46
José Macedo Silva

Portugal Manifesto número dois ----- 50
Aires Ferreira





Lentes embaciadas da mente

Mosath



A temática desta edição da Infernus coaduna-se na Influência.

Uma coisa que não concebo na minha existência satânica: a da Influência desmesurada, ou seja, o simples acto de influenciar por repetição e estupidez dos alvos/objectivos.

A Influência é descrita no meu dicionário de Língua Portuguesa como sendo o acto ou efeito de influir; acção que uma pessoa ou coisa exerce noutra; efeito; autoridade moral ou financeira; preponderância.

Nos dias em que nos encontramos, penso que muitos de nós se interrogam sobre que pessoas ou sistemas realmente comandam o mundo ou, pelo menos, decisões deste. Pois bem: em termos políticos, não tenho aqui muito a dizer. Nem abraço em pleno nenhuma cor política nem lanço a minha pele para roupas óbvias de políticos. Sou e estou para além de. Em termos sociais, novamente, não tenho aqui muito a dizer. Acho-me francamente individualista, hedonista, criativo, activo e livre. A cooperação, essa, é uma das minhas roupas, no entanto, vivo a minha existência numa sociedade comum, mas a minha pele recebe ventos de um conceito superior e desigual. Satânico. Da mesma forma como escrevo que não me alongo em quezílias bacocas e politiquices rotineiras, não me vejo como um indivíduo que compreende a Influência como sendo uma dádiva de um salvador ou talvez líder.

Num contexto mais social e meu, dá-me vontade de colocar a Influência num género de atitude e, sim, habilidade. Num plano positivo, portanto. O Homem sempre puxou desta atitude ao longo da História, pelos mais variados motivos. Num contexto mais presente, creio que a Influência está mais corrosiva e mais estúpida do que nunca, própria do decadentismo intelectual ou, melhor, da falta de intelectualidade e de visão do que realmente é essencial ao Homem. Sim, conforto e estabilidade em diversos ramos da vida são úteis, mas se outros antes de nós conseguiram singrar nas suas existências, publicar livros, plantar árvores e ter bebés, vivendo com menos materialismos, sendo criativos, mais inteligentes até... por que razão muitos de

nós não o conseguirão hoje? É só ver o fio condutor, compreendê-lo e marchar...

Neste espaço opinativo, quero desenvolver um pouco sobre três influências minhas, não que tenha estado a premeditar muito nelas, mas são as possíveis neste momento e as quais não dizem respeito à Influência financeira e tecnológica de HOJE! Não são influências que se encaixem no conceito da Influência, que conduzam massas para a frente ou mobilizem sociedades – e ainda bem –, mas sim doces que, com os meus dentes, devoro e o meu corpo e a minha mente regozijam-se – não se trata de um sarcasmo para diabéticos –. Num plano negativo, temos a Influência dos que se acreditam ser os senhores do mundo. Presentemente, digo que serão, para este exemplo, o pessoal financeiro ou, melhor, as agências de *rating*.

Logicamente, que não estou tão interessado em passar a mão em conceitos mais poderosos e que amparem e desenvolvam o mundo humano, como são os dos sentimentos, o amor, a força da vitória, o ego, mas sim nos conceitos que me inspiram à Arte. O amor e a vitória são a Influência, deviam ser, do mundo humano! Numa óptica satânica, por aqueles e naquilo que realmente é essencial para nós e que seja recíproco! Não os materialismos, nem muito menos os mercados financeiros destes dias, coisas, aliás, que me enjoam, as aparências, as aparências. Mas eu lá continuo, aqui, a vomitar, a limpar e a caminhar mais um bocado, nos meus bocados...

Não queria, contudo, passar de imediato às minhas pequenas influências, sem referir que ultimamente a questão da Maçonaria e de outras sociedades tidas como secretas e influentes dança nos meios de comunicação e vai esbarrando pelas bocas das pessoas e de comuns mortais, seja em cafés, seja em saunas – acredito que lá também -...

A Maçonaria é “uma Ordem universal, filosófica, filantrópica e progressiva, fundada na tradição iniciática, obedecendo aos princípios da Fraternidade e da Tolerância, constituindo uma aliança de homens e de mulheres livres e de bons costumes, de todas as raças, nacionalidades e crenças.

Não possui, a Maçonaria, leis gerais nem livro santo que a definam ou obriguem todo o maçom através do Mundo; não sendo uma religião, não tem dogmas.

Em cada país e ao longo dos séculos,

estatutos numerosos se promulgaram e fizeram fé para comunidades diferentes no tempo e nos costumes. Mas isso não obsta a que a Maçonaria possua certo número de princípios básicos, aceites por todos os irmãos em todas as partes do globo. É essa aceitação, aliás, que torna possível a fraternidade universal dos maçons e a sua condição de grande família no seio da Humanidade, sem que, no entanto, exista uma potência maçónica à escala mundial nem um Grão-mestre, tipo Papa, que centralize o pensamento e a acção da Ordem” (fragmento da autoria de Sílvia Soares).

Portanto, será a Maçonaria a resposta? A Influência que me interessa ou que realmente faz a vida de um Satanista melhorar? Ou, pronto, que conduz este mundo a um local mais virtuoso ou exacto e belo? Belo, aqui, com traços do Romantismo! Não. Parece-me que tudo que tende a ser mais encriptado, distante e enevoado é o que o comum dos mortais olha como sendo o mais desenvolvido. Daí muitas conspirações e muitos troca-tintas à volta do que pode ou não a Maçonaria conceder a uma pessoa. Terão bastante tempo livre, também...

É revelada uma estupidez e constata-se assim o lado para o qual o volante da Vida vira, em geral.

Cresci em redor de influências múltiplas.

Mas nestes dias de confusão, substituição e ruína intelectual, há o assunto que importa referenciar, a Influência, o poder desta e as suas conotações. Aqui, no meu caso, as influências da Influência no meu caminhar andam em redor de nomes distintos e perpendiculares, em algum ponto. O que é a Influência aos meus olhos? Nomes como os de Henry Miller, Marilyn Manson e Lady Gaga. Por exemplo.

Não. Parece-me que tudo que tende a ser mais encriptado, distante e enevoado é o que o comum dos mortais olha como sendo o mais desenvolvido.



Henry Miller escreveu as partes mais ricas, hedonistas e chocantes da sua obra, quando esteve em Paris. Uma influência antiga que só agora tenho descoberto...

Tenho lido Henry Miller com frequência e numa aberta vontade. A obra literária de Henry Miller, erótica e pornográfica, é intensa e polémica. E é exactamente por isso que gosto dela. Dele.

Sinceramente, a influência que Henry Miller está a ter sobre mim é motivadora e criativa. No entanto, essa influência que sai da escrita de Henry Miller, numa óptica de massas, comportar-se-á de um outro modo.

Primeiro, é oposta à ideia e noção de massas, que são e existem para serem instrumentalizadas, moralizadas e concentradas em consumismo e num aspecto de marasmo. Segundo, a influência de Henry Miller aponta a alguns nichos e leitores, porque são esses os únicos que sentem o chamamento de uma libertinagem e de um rasgão àquilo que é polémico. E, por fim, a literatura sexual ou a leitura a Henry Miller influencia apenas quando o instinto carnal é aceso. É uma influência energética, não de massificação ou de sociedade. O mais que podia alterar são mentalidades e alguns comportamentos de indivíduos, mas influenciar a um grau global não, porque o foro ín-

timo e visceral de prazer também merece ser respeitado e defendido nesse patamar.

Paris influenciou e igualmente controlou muito do processo criativo de Henry Miller. E aqui sentimos uma grande verdade: devemos, artistas ou não, ser influenciados e controlados ou dominados, em aspas ou não, por lugares, pessoas e relações humanas e por sentimentos, ao invés de sistemas políticos e religiosos, porque o que verdadeiramente interessa são as experiências e as descobertas e as conquistas de cada um, nunca órgãos de manipulação e corrupção... digo isto em frente ao espelho da minha escrita, visto saber que para muita gente e para as massas a estupidez, a rotina e a vitimização são ingredientes para o seu bolo diário.

Há coisas que não podem alterar-se, dada a natureza que possuem, logo para essas coisas existem conspirações, supremacias e fatos e gravatas que os auxiliam a viver mais um bocadinho, simultaneamente entretenendo-lhes o cérebro e dando cabo deste, pois é assim que usam o tempo que dispõem neste mundo.

Gosto de ler Henry Miller e em especial o *Opus Pistorum*. É sujo, porco, intenso, hedonista e libertador. Influencia-me a escrever determinadas

coisas, mas, sobretudo, lembra-me do essencial que é a Vida: foder e ser fodido, com ternuras e gratidões, literal e metaforicamente. Os paradoxos fazem a Vida ir para a frente, os horizontes não mais serão os mesmos... piores ou melhores, serão outros, sempre numa posição de melhorarem ou piorarem o que nos vem à mão.

Não posso esquecer-me de uma película chamada *Henry and June*, na qual Henry Miller é apresentado a Anaïs Nin, a qual é interpretada pela bela Maria de Medeiros. A dada altura do filme, assistimos a uma leve conversa, na qual Maria de Medeiros transmite uma bela fala: "*Como se diz num velho ditado português, se a merda tivesse valor, os pobres não tinham cu*". E como é belo ver e ouvir um português tão distinto e forte numa película inteiramente em inglês! Pois bem, é de facto assim, assistimos nesta película ao desencadear de situações e de discussões em torno das falhas humanas, do perigo das economias assentes em lucro, da constante presença nociva do dinheiro, ou da ausência dele, e da bela boémia!

Lembro-me de ter começado a ouvir Marilyn Manson com a música *The Beautiful People*. Uma influência que descobri na altura certa, na sua fase de crescimento e impacto mundial.





Ainda eu estava pelo 7º. Ano de escolaridade, quando aquela melodia, voz e estética me conquistou. Como eu não me encaixo nas noções da Influência presente, desmesurada, ou domínio e controlo das massas, percebemos bem o porquê de Marilyn Manson me ter influenciado, ser uma das minhas influências, já que o mesmo influencia poucos mas bons no mundo! Uma influência destas é um despertar, a par de um claro movimento de polémica e controvérsia. As mensagens nas linhas e nas entrelinhas de Marilyn Manson haveriam de criar em mim grande influência, impacto, continuei a ouvir Marilyn Manson, o músico e, mais tarde, a acompanhar Marilyn Manson, o homem, o satanista. Ele era um consciente dos venenos e das mãos entrelaçadas em corrupção de instrumentos políticos e religiosos e fez a sua quota-parte de Arte, de luta e oposição. Faz.

Lady Gaga, quando iniciou a sua carreira musical, eu nem sabia. Uma influência mais em tom de gozo, fascínio sensual, admiração de carisma, do que propriamente musical. Uma influência de HOJE, para o mundo todo!

Envolvida e acompanhada de prémios, êxito desmesurado, polémicas e roupa com design controverso e sob ideias surreais, Lady Gaga, assim, até agrada. Lady Gaga possui neste momento o seu vasto leque de prémios e trunfos. No que me diz respeito, não me influencia muito, embora aprecie a sua genialidade, carácter e provocação e extravagâncias. Vejo-a a caminhar pelo mundo, observo a sua postura e as consequências que produz, então tenho-a como que na saudável sequência de Marilyn Manson, já que Lady Gaga cria a musica que lhe apraz, diz o que pensa e faz o que precisa fazer. Extravagante, inteligente e sem hipocrisias, a cantora realça e dirige olhos para pontos de discussão sociais, políticos, religiosos e também de mentalidade pessoal e geral. Confesso que aprecio a sensualidade e distorção erótica que ela carrega, porque tal como Marilyn Manson não é uma individualidade óbvia. Influenciando imensa gente pelo mundo fora, Lady Gaga assume-se como um molde de pensamento e creio que também desperta pessoas para que se libertem de amarras de estupidez.

É, hoje em dia, apelidada de doida, filha de demónio, má influência e uma espécie de anticristo. Diga-se, apanhou a brisa que até então soprava no Sr. Manson. O que me deixa sorridente e em total indulgência com ela. Total não, mas parcial, um bom parcial.

Também não controla o mundo nem a sua voz tem real peso político, mas em pequenas coisas influencia algumas mentes iluminadas a decidir e enveredar por trilhos evolutivos, viscerais. Estes momentos viscerais de cada um, trazem consequências e deixem-me aqui, agora, a pensar em utopias de mudança e teias de superioridade humanas...

Será mais uma influência geral no globo da música do que em mim próprio. Mas sei reconhecer o seu carácter especial, fibroso e íntegro.

Imagino, para terminar o artigo, um tabuleiro de xadrez.

Marilyn Manson, o Rei, Lady Gaga, a Rainha e Henry Miller, a Torre. O que se passa fora do tabuleiro é a minha vida e o meu dia-a-dia. E tudo isso também muda consoante a casa em que tenho estas três peças. Não importa tanto o acontecimento que desencadeia, mas, sim, o facto de o desencadear. E que o jogo continue...

A Influência desmesurada é como a imposição de qualquer coisa: há os que precisam disso, há os que não se importam e há os que não a subscrevem.

A Influência deverá começar no íntimo de cada um. Se, verdadeiramente, estivermos inspirados e com disposição para influenciar, que o façamos. Com a consciência da jogada. O pior, penso, é quando essa jogada, nos limites do tabuleiro de xadrez, é realizada com noções de imposição, estupidez, conceitos de poder unicamente fundamentados em dinheiro e, claro está, em obsoleta concepção do que realmente o Homem foi criado para fazer: triunfar! E viver! E sonhar! E ejacular, metafórica e literalmente.

Não me venham, portanto, com o pensamento que a Influência é uma pulcra via de salvação mundial, quando a evolução que acontece terá que vir das cinzas e fumos de pequenas influências no núcleo de cada indivíduo influenciado e influente. Os que entenderem isto, não salvam a sua vida, mas salvam-se de a viverem com jugos de bois equipados com GPS. •





**Excelentíssimo
Senhor Doutor
Engenheiro Lúcifer,**

Aires Ferreira



Prazer. Venho por este meio, o da alteração de consciência, pedir-lhe um favorzito. Sabe, é que nos últimos anos tenho vindo a passar fome, a não ter trabalho, a não ter dinheiro e afins. E parecendo que não, isso ainda chateia. Mas deixe-me, primeiro, explicar o que me fez levar a si:

Gosto de pensar na minha pessoa como um drogado de conhecimento. Quando a ansiedade aperta, marcha tudo. Mas gosto de comprar a diferentes traficantes para garantir que conheço o produto de todos. Isto leva-me a sítios onde conheço as mais variadas e estranhas pessoas com os mais caricatos produtos. Mas como sou um viciado, mando para dentro e depois vejo o que o meu cérebro faz com isto.

Resumindo, um dia estava no youtube e descobri que a Britney Spears era sua fã, mas às escondidas. Aliás, toda a indústria da pop estaria, a partir do momento que fazem video-clips, a cumprir a vontade do chifrudo. Fiquei logo de pé atrás porque não estou a ver vossa excelência, um ex-anjo, o supremo governante das forças do mal, a depositar energias no que mais se aproxima ao cruzamento de esterco e animal. Mas não liguei.

Entretanto, tal busca levou-me a um tal de David Icke, um jovem que já se achou Jesus Cristo nos anos 80, e que agora está plenamente convencido que somos governados por extraterrestres descendentes de lagartos espaciais que assumem a forma humana para nos continuar a escravizar. Por algum motivo, os tais lagartos, são ao mesmo tempo satanistas. E quando têm folga, ainda fazem parte dos *Illuminati*, da *Skull & Bones* e da Maçonaria. Depois de me certificar que não tinha a minha sanidade mental assim tão comprometida, optei por investigar ainda mais. Fui dar com um Tsarion qualquer, e a nove horas de vídeo onde o jovem explica que afinal somos uma experiência de laboratório de seres ascendidos, mas que uns mauzões esconderam-se cá para estragar os planos dos tais ascendidos. Tudo um excelente argumento para mais um *franchise* do *Stargate*, mas esticadinho, no que a lógica concreta diz respeito. Ainda assim, não deixei de me espantar que o símbolo da Alfa Romeo, seja até hoje, uma serpente coroada a comer um homem. Digamos que se fosse relações públicas da marca, acho que já teria optado por um *rebranding* ou assim. Ou mesmo que os papas continuam a usar chapéus de cerimónia dos sumérios e que a igreja até curte pinhas.

Exacto, pinhas, a celebração da geometria divina e, ao mesmo tempo, uma relação pré-estabelecida a uma coisa que conhecemos por glândula pineal (o google ajuda, força).

E sim, temos Obama, temos Bush filho, Bush pai, ou estagiárias na sala oval e afins, todos eles a fazer o que James Dio ensinou. O símbolo do mal, o satanismo total! Ou seja, indicador e mendinho hirtos, como fazia aquela miúda dos ídolos que nunca mais se ouviu falar. É que afinal, tal símbolo, quer dizer algo diferente em língua gestual.

E é aqui, senhor doutor Lúcifer, que a coisa fica torta. Porque sei que a democracia nasceu num local onde se tinham escravos.

Não faz lá grande sentido. O que me leva a crer, que alguém que tanto admiro como Platão, não deixava de ser uma besta. Porque a besta, o eterno erro, é componente essencial no processo de aprendizagem e, acima de tudo, porque estes três quilos de massa cerebral precisam de ser evoluídos, com esforço e trabalho.

Porque sim, eu era mais novo e numa viagem qualquer também me surgiu a ideia que o dinheiro cepa conceitos essenciais à evolução desses três quilos de matéria cerebral. Que a obcessão pelo material tudo desfaz e tudo compromete. Queremos chinelos diferentes ao mais baixo custo, e se o chinês de cinco anos tem de passar fome para que tal aconteça, azar do catano para o facto que esse mesmo puto até poderia ser o jovem que descobre a cura para a doença que me matará. Mas tenho uns chinelos lindos, e baratos!

Ora, ao saber que é através do ego que esta magnífica máquina biológica passa a centrar-se em si

mesma e não a cumprir uma função de entre ajuda (há quem lhe chame civilização), a coisa falha. Então, que fazem os líderes mundiais (rio-me sempre com a expressão, desculpem-me)? Gente que deveria ter a racionalidade no sítio, em secretas partilhas de conhecimento e místicos rituais de cenas? Porque só nós, bestuntos da idade do ferro, temos a presunção de remover o misticismo, a alquimia e coisas que tal, da equação. Porquê? Porque já morreu gente pela crença em coisas que ou nunca funcionaram ou que sofreram alterações e perderam assim o seu efeito. Ou ainda, porque sofremos de lavagem cerebral constante para que a credence que não estamos cá para evoluir se mantenha, e por aí a diante. No fundo, se vimos alguém morrer por fome, em princípio, convém comer ou sofremos o mesmo destino. Na mesma linha de pensamento, se queres uma boa sociedade, deves intervir activamente nesta, e não levantar o rabiosque de quatro em quatro anos e passar o resto do tempo a palrar que nem abutre. Vês um buraco na rua. Não gostas quando caís no buraco. Tapa tu mesmo o buraco. Simples.

Ora, em todas estas minhas buscas, deparei-me com gente a dissecar discursos da filha do LaVey e a justificar, com argumentos minimamente capazes, de que maneira os satanistas controlam a mente da restante carneirada! Arrepiei-me com a quantidade de gente, que ao ver tal coisa sem qualquer pensamento crítico sobre a mesma, vai na esparrela de quem quer vender uns DVD's, que isto do misticismo rende como o catano com estes parvalhões tão perdidos neles mesmos, que nem a malvada da razão de estarem aqui lhes aflige!

No entanto, basta aproximar mais o nosso *zoom* sobre cada assunto, tal

O que me leva a crer, que alguém que tanto admiro como Platão, não deixava de ser uma besta. Porque a besta, o eterno erro, é componente essencial no processo de aprendizagem e, acima de tudo, porque estes três quilos de massa cerebral precisam de ser evoluídos, com esforço e trabalho.



como num microscópio poderemos ver mundos que sempre existiram e que nunca sequer percebemos, e qualquer pessoa percebe que aquele texto, que dissecado de uma forma pode clarificar um plano oculto de domínio mundial, também pode ser fruto de alguém disposto a tudo para pagar contas no fim do mês. Porque nenhum de nós, estará certo em absoluto. Estou certo, senhor Lúcifer?

Afinal, se nem a nossa consciência conseguimos compreender, como catano vamos compreender tudo o resto? A malvada, poderá não passar de mais que um *bug* cósmico, na mesma medida que não nos permite perceber o vazio ou o infinito. No fundo, um *smartphone* que nada tem de inteligente. Tem sim, ligação à rede.

Ora, posto isto e para não lhe tomar mais tempo que imagino que tenha muito que fazer:

eu queria-lhe pedir uma assistência – de preferência, sem velas no rabo que ainda aleija – para me iluminar no sentido de usar a carneirada para lhe potenciar o pensamento feroz e perpé-

tu, repondo-lhes, assim, a sanidade mental. Que me diz?

Afinal, sabemos que o ouro, esse sim, é já há muito importante. (*porque é um material raro e sempre foi valioso, ó estúpido!*) Claro, daí cobrirem palácios com aquela treta, no meio de florestas. O volfrâmio ainda era mais raro e não é por isso que o cremos com tanta ferocidade. É porque não brilha?

Deve ser por isso que o próprio Vaticano foi construído sobre uma necrópole. Ó seu danado, então os padrecos, que nada mais fazem do que sugar dinheiro a quem não o tem e molestar-lhe os filhos no além, são obra sua? Seu bandido!

Bom, fico a aguardar a sua resposta. Já agora, quando tiver tempo, e por obsequio, deposite-me uns dólares satânicos na conta, que apesar de eu perceber perfeitamente que este tipo de gente, jamais chegará lá, acredito que é na desilusão do papá (representação da autoridade, para os que não perceberam) que nascerá, filho inteligente. E eu acho que estou cá, é mesmo para curar o doente. Tudo de bom, um abraço! •

*Deve ser por isso que
o próprio Vaticano
foi construído sobre
uma necrópole. Ó seu
danado, então os pa-
drecos, que nada mais
fazem do que sugar
dinheiro a quem não
o tem e molestar-lhe
os filhos no além, são
obra sua?
Seu bandido!*





O Rei do Mundo

Devis deviLs Granziera



'Did you see,' perguntou o Mongol, 'how our camels moved their ears in fear?'

How the herd of horses on the plain stood fixed in attention and how the herds of sheep and cattle lay crouched close to the ground? Did you notice that the birds did not fly, the marmots did not run and the dogs did not bark? The air trembled softly and bore from afar the music of a song which penetrated to the hearts of men, animals and birds alike. Earth and sky ceased breathing. The wind did not blow and the sun did not move. At such a moment the wolf that is stealing up on the sheep arrests his stealthy crawl; the frightened herd of antelopes suddenly checks its wild course; the knife of the shepherd cutting the sheep's throat falls from his hand; the rapacious ermine ceases to stalk. All living beings in fear are involuntarily thrown into prayer and waiting for their fate. So it was just now. Thus it has always been whenever the King of the World in his subterranean palace prays and searches out the destiny of all peoples on the earth."

Ferdynand Antoni Ossendowski escreveu estas linhas no seu *Beasts, Men and Gods*, livro originalmente publicado no final de 1921. Esse livro contém muitas páginas sobre o "King of the World", uma espécie de *Übermensch* (n. t.: uma espécie de semideus, um super-homem que lidera e influencia demais) que vive num reino escondido debaixo da terra chamado de "Agarthi" ou Agartha, consoante a pronúncia de cada um, ou Shambala, de acordo com os seguidores de Blavatsky. A lenda diz que Agartha é da largura do mundo e que possui enormes cavernas subterrâneas que percorrem praticamente tudo no mundo. Os contos acerca de Agartha tinham muitas semelhanças com o romance *The Coming Race* (de 1871), de Sir Edward Bulwer-Lytton, o qual descreve um conto similar sobre uma raça sobre-humana que domina uma energia misteriosa, de seu nome Vril, implementada/disposta por estes super-homens para dobrar forças da Natureza às suas vontades superiores.

Apesar de ser um conto de ficção, muitas pessoas acreditaram que o livro narrava uma história real, do mesmo modo que alguns ocultistas e cientistas Nacional-Socialistas alemães que levaram a cabo estranhas experiências na procura pela energia Vril (ver *The Morning of the Magicians*, de Jaques Bergier e Louis Pauwels, 1960).

A partir do seu palácio, situado em pleno coração de Agartha, construído de forma disseminante ao "Potala" Tibetano (o palácio do Dalai Lama em Lhasa), o "the King of the World" influencia a humanidade. Ele conhece e julga os planos dos homens mais poderosos da Terra e, de seguida, escolhe se irá facilitar ou obstruir esses mesmos planos, de acordo com uma sabedoria que vai muito além do bem e do mal. É dito que, algumas vezes, o rei viaja por fora das fronteiras do seu reino. Diz-se que ele tinha sido visto em Siam e na Índia, vestido de branco, qual Papa católico, a bordo de uma carruagem puxada por elefantes brancos. Nos finais do século XIX, o rei esteve em Narabanci, na Mongólia, e, nessa altura, ele previu que, durante a primeira metade do século XX, muitos reinos haveriam de cair na sequência de guerras, em que milhões e milhões de homens iam ser mortos.

De acordo com um livro de Verri, *The Dwelling of the King of the World* (*La dimora del Re del Mondo* de P. Verri, 1977), a última aparição do rei foi em 1937, em Delí, na ocasião da coroação do rei George VI do Reino Unido a imperador da Índia (acidentalmente, o último imperador da Índia!).

Igualmente o livro *Mission de l'Inde*, de Alexandre Saint-Yves d'Alveydre, relatou um conto similar ao de Ossendowski. Saint-Yves situou Agartha por debaixo dos Himalaias, mas ele jamais viajou até lá! Afirmou que alguns Iniciados Orientais comunicaram com ele telepaticamente a partir das cavernas de Agartha. Este livro, visto conter tais informações secretas, foi somente publicado em 1910, após a morte de Saint-Yves. De acordo com ele, as cavernas subterrâneas de Agartha são o local de residência de uma comunidade de pessoas correctas, as quais obtiveram fortes poderes psíquicos, regida por um "Supreme Pontiff". Saint-Yves disse que inferiu a sua teoria de "synarchy" (uma espécie de forma utópica de um governo político-teológico) directamente de Agartha.

Le Roi du Monde, primeira publicação em 1927, em Paris, é um dos livros mais conhecidos do estudioso de esoterismo controverso, René Guenon. Neste ensaio, Guenon debruçou-se na escrita sobre o rei misterioso que apareceu nas páginas do "Beasts, Men and Gods" de Ossendowski e do *Mission de l'Inde* de Saint-Yves.

Avançando, Guenon aproximou este tópico de um outro ponto de vis-

ta, já que ele estava interessado em reflectir no simbolismo esotérico e nas referências cruzadas de "the King of the World", recusando identificá-lo por intermédio de um "alguém" físico.

O segundo capítulo deste livro começa com as seguintes linhas: "*The title 'King of the World', taken in its highest, most complete, and at the same time most rigorous sense, applies properly to Manu, the primordial and universal legislator, whose name is found in diverse forms among a great many ancient peoples; in this regard, let us recall only Mina, or Menes, of the Egyptians, Menw of the Celts, and Minos of the Greeks. This name moreover does not designate a more or less legendary historical personage, but rather a principle, a cosmic Intelligence that reflects pure spiritual light and formulates the Law (Dharma) appropriate to the conditions of our world and our cycle of existence; and at the same time it is the archetype of man, considered particularly insofar as he is a thinking being.*"

Não podem os nossos olhos agarrar-se às palavras "cosmic Intelligence" ("Inteligência cósmica") ou "pure spiritual light" ("luz espiritual pura") como sendo ecos Luciferianos evidentes?

Para reforçar tal impressão nas linhas de livros que se seguiram, Guenon escreveu que este princípio (a "Inteligência cósmica") adquiriu "origem não-humana". Seja como for, Guenon tem medo de tomar os passos lógicos seguintes. A sua inquietude é muito clara no final do capítulo 3, onde ele identifica a "Inteligência cósmica", o "princípio", com Metraton, o qual, segundo as suas próprias palavras, pode ser representado tanto pelo arcanjo Miguel como pelo seu adversário Samael. De facto, nessas mesmas linhas, Guenon observou que "*the apocalyptic number 666, the 'number of the Beast', is also a solar number*". Porém, o estudioso Francês tem medo de lidar abertamente com tópicos Satânicos e escapa-se às conclusões mais óbvias sem fornecer nenhum persuasivo e convincente argumento ou razão.

Todavia, a igreja católica reparou nesse ponto e é por isso que, ainda hoje, estudiosos católicos (ver *L'Esoterismo*, de don Curzio Nitoglia, Sodalitium, 2002) atacam ferozmente Guenon. A teologia católica vê o "Rei do Mundo" a ser o "Princeps huius mundi" (do Latim, "o Príncipe deste mundo"), visto que, segundo os evangelhos, ele é o próprio Diabo! •



Omofagia da ranhura de Carlos Vinagre

BM Resende

I – da abertura biológica

Para a omofagia que pretendemos executar impera uma necessidade de definição de termos. Ao caso a qualidade conceptual da poética. Ao acaso uma definição germinada entre uma vastidão própria do tema atemático. Para a antropofagia que pretendemos executar definiu-se então que “Toda a poesia é um “esforço” para recriar a linguagem, para abolir por outras palavras a linguagem corrente de todos os dias, e inventar uma nova, pessoal e privada, em última instância “secreta”.”, na proposta de mircea eliaade do seu livro “mitos, sonhos e mistérios”.

Na penetrabilidade a esse “esforço” a que a ranhura implica denota-se com

antecipação uma precedência poética de uma biologia de aberturas. Fissuras dinâmicas alocadas no inabitado. E uma prévia necessidade existencial de fecundações múltiplas para uma germinância espontânea que se constitui de novas funções no plano material de uma permanência no movimento. Tal é esse “esforço” de “(...)abrir as minhas costelas à procura de um outro coração, um coração que respire(...)”. Factor extrapolado às objectividades da demanda cognoscitiva externa à percepção individual tal como “(...)a mãe abre as costas placentárias(...)”. Não se estagna a implicação da recepção dos estímulos vários no factor da necessidade de penetrações múltiplas na subjectividade vivida e futurológica. Mas previamen-

te uma feminilidade gestacional plena de fecundidade. Ansiando criação e consequentes ramificações. Sedenta de sementes existenciais que se derramam no húmus fértil da interioridade uterina da ranhura. Pois é imperioso “(...) obter uma janela pela extensão das sinapses(...)”.

II – das intermitências da cor

Perante a “(...)descoloração do mundo(...)” a cor na ranhura aparece quando o “(...)estalo abre o músculo(...)”. Assim esse “(...)ina-nítido(...)” estado coloriforme é interno. Emocionado na individualidade quando espessamente colorido. É comparativamente um animal aristotélico que pulsa nas vegeta-



ções sinápticas e se expande aos pulos pela "(...)depressão do ar(...)". Denota-se então uma dicotomia na abertura, pois se no externo a cor se ausenta, ou mais fielmente se descolora, no plano interno ela é um "(...)feto trespassado pela cor(...)" que ousa a antítese a uma "(...)uma sombra a espalhar-se pelo mundo(...)". Na componente biológica da infantilidade, descontextualizando o tempo, fazendo valer os estados por si mesmos, um estado puro da poética incorrompida que leva a uma ruptura passiva, definida enquanto "(...)quintal da infância(...)". Uma entidade exterior pela fissura no tempo, não uma mera memória mas um outro objecto, uma outra existência, em suma, "(...)um corpo descolorado(...)". Enquanto isso e não só, na fenda da dicotomia o "(...)limbo incolor expande-se pela triade da fome(...)", pelo que "(...)fechemos os olhos e aguardemos o interruptor da luz(...)". Enuncia-se que no resto, "(...)morrer é descolorar(...)".

III – do verbo escuro

Existe uma navegação escura pelo verbo quando a ranhura se nos abre. "O poeta tende à "experiência incomunicável".", diz-nos Alexandre teixeira mendes no seu livro "do verbo escuro", e assim se vão revelando vários interstícios das componentes uterinas do livro de carlos vinagre. Pois nesta navegação "(...)as ondas dilatam-se pelo ininteligível(...)" enquanto "(...)há uma voz que soletra o impossível(...)". Denota-se também uma forte presença da intraponibilidade, seja na "(...)indefinição escolástica da vida(...)", ou no "(...)

silêncio intransponível(...)" perante o "(...)indefinível abismo da poeira(...)", onde a escolha da concretude se conclui em "(...)ser um passeio pelo inexistente(...)". Entende-se então a tendência exotérica do texto exteriorizado. A tentativa minuciosa de aproximação à imagética poética, esotérica, sem que exista de facto uma fotogramática perfeita e plena desse "(...)feto trespassado pela cor(...)". Antes uma aproximação máxima pelos recursos linguísticos e inspirações, pelos conhecimentos adquiridos e pelas comparações divergentes entre multitudes de imagéticas emocionais concentradas num único instante vagamente descritível, apenas aproximável, por ramificações diversas, insufladas pela pluriformidade biológica imanente a cada indivíduo, "(...)e o corpo tornar-se-á uma boca mortífera na língua exilada do texto inexistente(...)".

IV – da habitabilidade

Na contextualização espacial sobra o espaço. No descontexto necessário à germinância poética pareceu-nos importante a percepção de percy shelley na sua "defesa da poesia", "O poeta participa do eterno, do infinito e do uno; não existem, pois, tempo, lugar e número que determinem as suas concepções.". Carlos vinagre assim sumaria a habitabilidade, ou a questão de lugar em concreto, "(...)o acto de habitar recorda um espaço, concebe uma geografia(...)", um confinamento que alberga a biologia social e nem sempre a poética de si, pois não alberga o eterno, nem o infinito, nem o uno. Então a investida na ruptura da linguagem

Existe uma pulsação respiratória permanente na ranhura, mesmo quando não literalizada. Sente-se a "(...)depressão do ar(...)" que causa uma motricidade mais acentuada na cadência pulmonar...

quotidiana também rompe os grilhões geográficos.

O ser está no "(...)espaço inabitável(...)", está em "(...)habitar o que não é habitável(...)", em rumar aos ilimites desconhecidos e vinculá-los a si.

V – da potência pulmonar

Existe uma pulsação respiratória permanente na ranhura, mesmo quando não literalizada. Sente-se a "(...)depressão do ar(...)" que causa uma motricidade mais acentuada na cadência pulmonar, mais esforçada, mais ansiosa na convivência com o "(...)espeso fumo de janelas(...)".

Percorrem-se várias veias respiratórias da ranhura com "(...)uma turbina de metal cerrando os meus pulmões às seringas(...)", procurando habitar o inabitável até que o "(...)fumo invada a minha traqueia(...)". Na motricidade biológica dessa respiração transcendente assiste-se com um intenso vigor torácico ao acto de "(...)trancar a porta com o ar dos pulmões(...)".

VI – da extensibilidade do ser inconcluído

Toda esta abertura se finaliza sem final mas com mais abertura. A inconclusão torna-se mais densa e o cunho da extensão e dilatação proporciona transpirar "(...)pela fragrância o imaginável(...)", pois "(...)a minha vocação é pesar-me sem medida num amor que não pratico(...)". Na combustão de uma síntese, "(...)esforcei-me por não me concluir na hipótese que tenho do mundo(...)". •





Estar vivo pode ser ilegal

Fátima Vale

"quando se dão conta de que
não há champanhe para todos, senhor
puta?"

angélica lidell, e os peixes saíram
para combater contra os homens.

expor o código sináptico na noite
absoluta

ermo da cegueira
onde a voz é o falo pluriforme
que instiga à formulação dos corpos
à fertilidade do fogo novo

tropeçar na fuga contrabandista do
cosmos

e cair na tina lamacenta do sistema
onde se rasga a tortura do código
no escuro do abismo
na vertigem do rodopio desintegrado
o néon diz que a vida é humilhante
Lavrar o betão nas ruas desertas
implorar a camisa e a força

o fruto e a semente
condenado à vida pela lei da escória
tudo condenável pelo princípio da
raiva
do grito alienado do vadio sem abrigo

arrancar a pele no precipício do desejo
e arrastar-se envolvido pelos astros
por entre contentores de cadáveres
por entre modas estranguladoras
do impreciso
lugar incerto da inocuidade empre-
endedora
sólida aleatoriedade

olimpíada do cárcere encoberto
que serpenteia a inexistência
lambendo o vinho que verte do cálice
lambendo a ferida perpétua
do sempiterno rumo
à poeira cósmica
ao rodopio sem fome
na ausência quebrada da luz
resguardo no túnel da noite

sob o cartão do abandono
desvio perseguido pela miséria
catastrófica da massa obesa
que apodrece fausta sobre a terra

o néon afirma o esmagamento do
indivíduo

que habita no cadafalso restante
corpo cela solitária
adormecido pelo gelo da morte
no cemitério urbano
psicopata umbilical
no telegrama de barro
da segurança social
incompatível com o sangue
coagulado na memória do futuro
sincopado dentro da ferrugem
de um cofre submerso

estar vivo pode ser ilegal •



cacaforismos do desaforo

Luiz Pires dos Reis



*(sonata para flauta de pã de
resende e gritos no vale em três
andamentos e trinta três de-
graus sempre a descer)*

ou de como o creme compensa a
vale e a valeta

*a voz antropofagia-se onduladamente à
sombra de si mesma*
{fátima vale, 'spabilanto'}

*tenho a destreza de não me intrusar
com a filosofia. A epistemologia da coisa
escorre para um bidé entupido. nem os
canos se aventuram a vir à superfície.*
{bruno miguel resende, 'falosofia'}

*dizem-se as flores rubras da excres-
cência incendiária*
até as pálpebras decidirem o rumo
final das epistemologias beijadas.
{bruno miguel resende}

há momentos em que a morte é um
ermo distante onde nenhum elefante
passa
{fátima vale}

§ primo andamento: allegro rubato
molto espressivo

1. não mo pediram. por isso,
apresento- me {em estado de estança
indistante} na feliz encontrãça de um
par de mafarricos.

2. se os digo maiúsculos,
escrevo-o em minúsculas: porque sim.
porque sim é igual a porque não sim:
só não o diz como mesmo.

3. começa-se pelo final: que
há-de confundir-se sem favor para
com o desfecho, mas não para com a
terminação. o fim, que não é lotaria nem
lota, começa mesmo pelo final, porque
"estar vivo pode [bem] ser ilegal": por
isso, lotaria. por isso lutaria.

4. à entrada tropeça-se logo
– onde é a saída, por tutatis? – numa
"fuga contrabandista" antes de dar
de caras na lama da "tina (...) do
sistema" em tomo-mestre. começa-
se em grande, portanto. o assunto, na
verdade, não é pequeno, nem o sujeito,
mas não é o caso para menos (é a oito):
veremos se é para mais.

5. o índice é bonito: não
existe. em vez de existir está toda a
incomunidade sacrista esparramada
na folha derradeira de ambos os
vibrantes livruscos. até agora vinte
duas opúsculas almas, de tantos
quantos arcos maiores do baralho que
nos arcana e sacana o destino e os
destinatários do desatino.

6. o senhor XXI de série é um
bruno qualquer coisa que é dado,
vê-se, à falosofia: já ouvi falar. não é
daqueles que só falam na sophia, mas
só assofiam. ela é sábia, que é, mas é
também louca, que sobretudo é. já
voltaremos ao senhor falósofo: se ele
não se voltar de costas para si mesmo.

7. em viségimo segundo na
classificação geral da volta à presente
estança está uma, qualquer coisa em
átima, semblante assim para o grã-
mátia viriata, e toda ela dharmática
que nem serrana dakini. apresenta-
se ademais afinada em clave de fá:
vem pois cheia de fazada. a gente não
se importa nada com isso, faz-lhe a
vontade (não as vontades, entenda-
se), e chama-lhe fátima. só para que
ela nos reconheça. vale a pena passar
incógnito onde todos se conhecem.

8. os livros, esses, são sobre
fantasmas (coisa de que toda a gente
diz não ter medo: até à hora de ter!) e de
cadáveres (coisa que toda a gente será
um dia: à hora de ser!). O caso é este:
assegura-se-nos que o "fantasma de
la lembrança" dança lindamente com
o "cadáver de 1 memiento", perfeita
cena de mimo para o álbum do nosso
desmame funerário!

9. mas há mais: quanto menos
arritmia algébrica, mais aritmética
a fórmula secreta. assim, no valeta e
na vale, 40 rostos de página é a conta
mesmíssima que mede o falasofio e que
tamanha o spabilantro.

10. quarenta, como o címbalo,
só pode ser simbólico: para o pobre
gráfico da obra, para a quicá quaresma
dos bafios, e para o quarantino, que é
(para quem não saiba tal verdadeira
mentira) o filho imaginário de quentin
tarantino. se bem também pode não
ser: nada se perde, o que não é grande
coisa.

11. nune-relógicos veteranos,
os malfetores obreiros da infernal
sedição fazem-se à numenologia:
falosofia é, como a pestana verifica, de
dez partículas – número pintagótico do

perfeito seja o que for; spabilanto, da
que não é de modas mas tem remansos
modos, vai daí, é de oito em cima do
dez. bem feito!!!

12. aqui não começa a dar-nos o
sono miudinho porque "o sono é raso",
como se apressam a dizer-nos ambos, a
esta altura já ao comprido da largura,
de todo ébrios da extraência sono-apta
da diatriba.

13. "já não existe memória",
lembras-te? – recorda numa perfeita
embalagem de paradoxo o tão bem
embalado diabrete. esquece! não há
lembrança disto! – ouve-se logo toda a
minha anamnética gente.

14. decide assim o adorável
patifório ir logo ao arquivo das teorias
e sacar do teorema da guerra e paz:
"quando existe um guerra é preciso que
alguém lá vá". o pior é demonstrar que
se, atrás de alguém, vai toda a gente,
aparecem logo por lá os pacifsgas, e
acaba-se a festa. que asae!!! (já é azar!)

15. isto o falósofo "pensou ser
uma revolução", mas não era: isso
"[era] antes de não ir". por isso sentou-
se no próprio colo de fauno, todo ele
debruado "de apertamentos", já eles
então no apartamento cedo mandado
fazer para nada que não sobretudo
para jogarem aos naufrágios de absinto
"das nove às cinco ininterruptamente".
foi aí que mostrou à spabil anta "como
se segura frutos pelas pálpebras": ela
deixou. ele gostou.

16. nisto, para completo
desassossEgo das vistas largas
– "estavam [eles] já perante as
montanhas de verno [...] scorrendo
babinhas fumegantes" – quando senão



***"já não existe
memória", lembras-
te? – recorda numa
perfeita embalagem
de paradoxo o tão
bem embalado
diabrete. esquece! não
há lembrança disto!***





*o enguiço do take
da “cópula entre um
guarda-apos e um
porta-lápis em pleno
alto mar”, o que mui-
to fez acalmar, con-
forme todo nervoso
alguém se apressou a
asseverar...*

houve um milagre de fátima no vale:
“o sábio povo ascendeu ao cume de
Si mesmo”. mas...teriam licença para
tal? ou despediram-na os licenciados
da cúria do curtume? pediram-na, está
visto. estavam mesmo a pedi-la.

17. às dez horas + sete começou
a saga do rei dos verbéis: diz-se que
“instruiu”, “elucidou”, “iniciou”,
“ensinou”, & demais eteceteras
proféticas. na mesma, ficou na sua:
eleusino e eleata não quer saber: sabe!
bem se diz ao polvo que proveta da
terra não faz vinagres. é bem mentira!

18. vai daí armou-se tudo em
uma guerra dos estorolas e mostrou-
se-lhes ao espanto da evidência “como
é forte a emoção com o sono dentro
quando a morte está fora.” Fora daqui!!
– disseram logo quase todos. nessa
altura já era perto de tarde mas isso até
lhes solucionou, na boa hora, o enguiço
do take da “cópula entre um guarda-
napos e um porta-lápis em pleno
alto mar”, o que muito fez acalmar,
conforme todo nervoso alguém se
apressou a asseverar, “o choro dos
feridos pela palavra”. tinham-lhes
dado amavelmente um apenso, a cada
dois, para o que viesse e lhes desse: se
não, eles logo ali desistiriam de pensar.

19. o problema foi depois: um
danado de um “tráfego aéreo arbitrário
no grito aerofágico” que lhes provocou
um “corte das artérias” do plexo lunar.
salvou a coisa o implácido falópio, com
a secular calma dos resendes.

20. valium do vale, ela, mais
dada ao vício dos dados lançados à
hora certa, logo se afinha e “desregula
o passo que desiderata” e toda ela
“treme de insónia sobre um telhado de
lágrimas de ferro”. “as mãos sonh[ar]
am”-se-lhe assim mesmo. acordou a
vizinhança toda!

21. encomendando porém a
tempo um eclipse, entrega-lhe “as
mãos cheias de mundo”, e adormece
no vazio das “pegadas no peito celeste

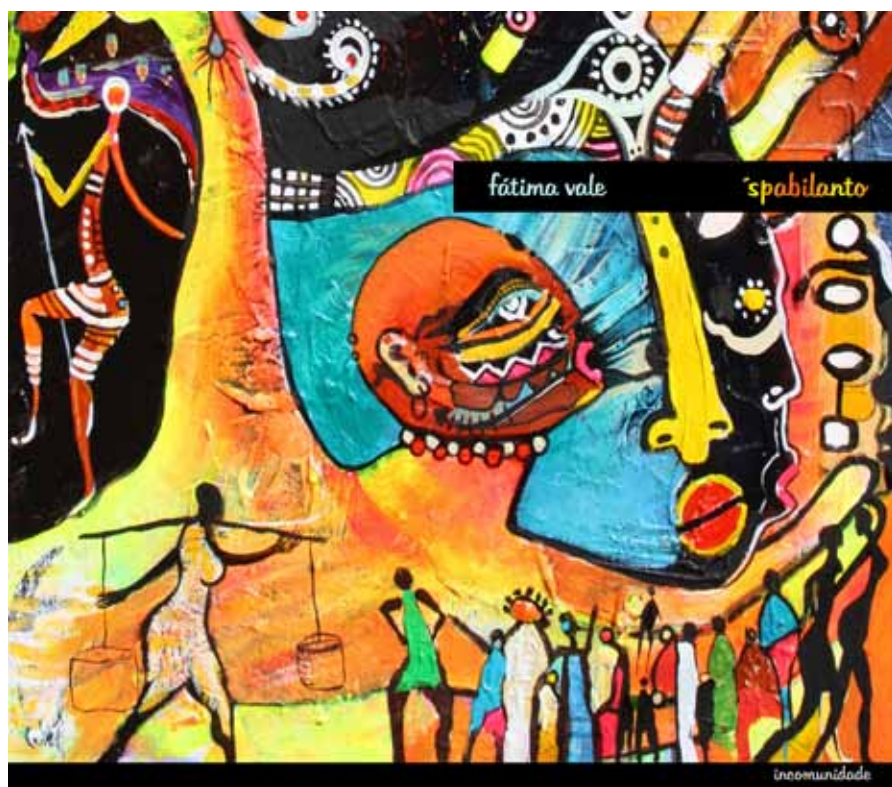
das aves”, esclarecendo desde logo,
impudicamente aliás, que “todos
nascem quando acordam”. depois,
sem ninguém a ter chamado, vem-
lhe aquela alegria a derramar-se-lhe
toda, “desprivatiza[-se-lhe] o silêncio”,
que lhe “reg[a] a horta” e deste modo
“guarda o sol dentro de [s]i”. mais
tarde, não se sabe a que lunares desoras,
quebrando o espelho da noite, sai “de
coração às costas [...] principalmente”,
toda “renascentista” e “salgad[a]”. o
assunto foi temperado com cravinho
de bach para ares de cantata, como é
muito de presumir.

§ segundo andamento: andante in
modo misterioso

22. tales, o tal agripino – que
a esta hora, diz o valeta de cepas, já
“pigarreia[va]” ao som de um” lírio
da plantação da vale –, que nem
“um repolho com asas [,] remexe a
panela das sensações enquanto {cabe-
nos a gratidão do esclarecimento} a
erecção não foge”. eis o pré-anunciado
despropósito: “erguer bandeira de
pátria alguma” e, é claro, “fecundar os
arquétipos”. tudo isto, atente-se, “de
mindinho em riste”, e – não diz, mas é
como se não dissesse – por uma razão
de aliviar o ventre de sua qualquer
prisão: “porque não nascemos para ser
cabides”. faz sentido: ainda que não
fizesse.

23. quando se pensava (pensar
é, como se sabe, um vírus de que o
“repuxo interno do pensamento”
amiúde padece) quando se pensava,
pois, que tudo “est[ava] animado pelo
sangue”, a isto “trama o labirinto do
esquecimento na sua força invertida”.
resultado da sondagem (apurada a
margem de erro do costume): “em todas
as portas [...] nasce o povo pequenino”
– somos grandes na memória de
elefante, liliputos na lembrança de não
tê-la. escola primária mal feita.

24. “ora nesse preciso instante a
seguir a um outro correspondente [...] a
ampulheta que media o tempo passou
a medir também o espaço”. a coisa foi
tão bem sucedida que foi, imagine-se,
um sucesso! é certo que medir sempre
foi mais coisa de alfaiate na arte que
prolífica esplendores entre o fato e o
facto. hoje, sabemos que o que mata as
medições no seu objecto é sobretudo
a ortografia. não acordassem, ou
acordassem mais tarde. conquanto
solução mesmo solução só mesmo
a dissolução. eu, permita-se-me a





auto-consolação, concordo é com o autoclismo heterográfico: solução final!! e pronto.

25. chegados aqui, cabe vincar que a opereta do falósofo não vem asseada nem enxuta: a páginas onze topámos nós com uma enorme “gota de esperma”, o que nos obrigou a marcar alguma imposição, num diálogo que lá vem transcrito, por óbvio injungir nosso. de tal colóquio baste ler a fala d’ele, que sou eu: a gota é a gota mas, sendo de esperma, escusado será dizer que é para ser delida. lida é q.b.

26. em duas coisas, reconheço, tem a gota razão, as quais aqui enumero, obviamente gota a gota. a primeira é que (ponto prévio e incontornável) “o problema é tê-los”. deixa-se à capacidade de enigma do leitor a decifra de a que “os” se alude aqui. pois bem, decifrámos, mas não damos abébia. a segunda é que “por cima estão as estrelas”, o que não é somenos. com isso concordaram alias muito os comnenos, de isaac a andrónico, que muito imperaram seus bizâncios, e concordou o nosso “ele”, de um modo de resto conclusivo e irrefutável: “só se for por baixo”! – arguiu muito avisado, sem ser, ao que se saiba, arguido. sobraram os bizâncios que por cá tiveram outro nome, que não eram comnenos nem khomeini.

27. que nem um argumento, ou seja, assim arguta mente, riposta a vale, sem todavia dar aval: “cada axila é um ninho no impulso da abertura” – decretou. está mais que bem dito, daí resultando a sudorese a que ele alude. daí outrossim o pentaconjugo do banimento do cabo dos trabalhos esforçados: {um} “infibular o sexo de um planeta”; {dois} “transpirar até à dissolução”; {três} “excisar a tormenta”; {quatro} ancorar no braço do sono”; {cinco} “despertar na cicatriz”. melhor isto que dobrar as tormentas do cabo e vir logo adamastar os outros.

28. depois disto, vieram então os sucessos que ambos (“porque eram a coisa”) levaram a peito e tão abnegadamente – desde a axila do pelourinho da rua da aldeia de um deles até à virilha do capitólio do velho império dos sete sentidos – o que, sem surpresa, levou a que o diabrete do valete subisse rapidamente à árvore da morte lenta para descortinar aquilo da vida longa e da arte do brevet. tal como conta pormenorizadamente

o seu diário da borda fora: deverá, diz lá, solene, “ser o início quando a primeira montanha brota das águas para se elevar estando sentad[a] no seu perfeito cume.”

29. “nas mesmas versões mas em automático” (haverá os habituais upgrades) a pitonisa da vida real cumpria suas desfolhadas incumbências, estornando competentemente “o pé [que lhe] escorrega[va] lentamente pela perna”. Impávido, “o azul continua[va] leve” e “o olho cúmplice do sol atravessa[va] o tempo”, “o mundo [esse, era] um balão” (...) “na mão esquerda de um feto”. e algum deus viu que era bom, que era muito bom. e teve divina invejidade. que feio!

30. “ ‘a verdade escreve-se e enterra-se’: confie-nos a sua última verdade!” – dizia um cartaz publicitário à porta do “sementério” dos falósofos. este ficou muito a dever-se a um benemérito, “médico autodidacta, patóstenes de felbos”, que transitara em julgado de paz podre ao atravessar o verde tinto nos “cruzamentos genéticos e genialécticos entre farpas e botânicas”. só lá faltaram as borboletas crucificadas e os crucifixos a cheirar a gato.

31. “tudo [como se percebe] em busca da coisa que hoje já não se busca”: por inexistência. como a fulgente falosofia e as danças espabilentas, como

a dançadura dos esqueletos falosóficos e a trocatta e fuga spabilesta. vudu retro!

§ andamento final: allegro brusco trionfante

32. “cada um[...] é o seu olhar absoluto”, proclama bruno miguel resende. cada um é “todo olhos”, para dentro ou para fora de si – como os anjos e os demónios, ou como certos loucos inospitantes do decerto, seja o das dunas piramidais de tebas ou o dos arrabaldes eurodizimados das urbes.

33. na “masmorra da ausência” (“não tentes a fuga pois a parede sangra [e] a janela é um grito onde não cabes”!) é onde nos diz fátima vale: “incendiarás as vísceras se necessário até o fogo sair pelo olhar”. este, o spabilalto preço falosófico, do que aqui prego na raiz do tempo: à porta do infernus, paraíso de não haver portas!!! raios porta!!!

agora, partam!!
ou partam tudo!! •



The background of the cover is a painting. It depicts a woman with the head of a deer, wearing a red dress. She is holding a long, thin object, possibly a staff or a branch, which she is using to touch the chest of a nude woman sitting in front of her. A small, dark, dog-like creature is at the bottom, looking up at the nude woman. The scene is set in a landscape with trees and a red sky.

Theologia Theatrica: uma aproximação a Klossovski

Júlio Mendes Rodrigo



"So much innocence and so much perversity, so much severity and so much impropriety, an imagination so ingenuous and a mind so erudite..."

Maurice Blanchot acerca de Pierre Klossovski em *Le rire des Dieux*, Nouvelle Revue Française, 151 (Julho de 1965)

Não fosse o cliché e a desconfortável sensação de *déjà vu*, "*Pierre Klossovski, meu Próximo*", poderia ser o título alternativo deste pequeno texto, no qual me proponho fazer uma pequena introdução ao universo deste vulto maior, que marcou de forma tão profunda o espectro das Artes e Letras do século XX, principalmente o francófono. Pierre foi-me "*apresentado*" quase em simultâneo com outros nomes, que me impregnaram com as suas mundivências, possibilitando e impulsionando a minha construção da percepção do Real. Foram eles, Antonin Artaud, Stig Dagerman, Yukio Mishima, August Strindberg, Ernst Jünger, Georges Bataille e o irmão mais novo de Pierre Klossovski, de seu nome Balthus. Este último, auto-intitulado "*Rei dos Gatos*" e mestre das pequenas e quase *sadeanas* Lolitas.

Ficará para sempre marcada na minha memória, através do visionamento de um documentário televisivo, a imagem do nonagenário, de cigarro no canto da boca, acompanhado pela sua bem mais jovem companheira de ascendência oriental, no interior de uma velha casa pejada de livros, de gatos e ainda visitada, ocasionalmente, pelas suas ainda menores musas inspiradoras...

Klossovski, por seu turno entrou na minha existência, não pela "*porta das traseiras*" da casa de Balthus, mas sim através daquele encontro fortuito ocorrido, não sobre uma mesa de dissecação, mas através de uma qualquer estante poeirenta existente num qualquer alfarrabista.

Origens Culturais e Míticas de um certo Comportamento das Damas Romanas foi o livro que me iniciou no universo klossovskiano. Reencontrei-o (Klossovski) em Janeiro de 2010, no Ludwig Museum em Colónia. É uma "*amizade*" de longa data que vos quero apresentar no decorrer deste texto.

- I -

"My drawings existed in my spirit before I came to describe them in my novels."

Pierre Klossovski (1905-2001), oriundo de uma família aristocrata de origem polaca, conviveu desde tenra idade com a "*crème de la crème*" da intelectualidade e do *milieu* artístico da sua época. O seu pai foi simultaneamente, pintor e historiador de arte, embora a sua mãe também pintasse, apenas se terá ficado por algumas exposições realizadas nos círculos expressionistas da sua época. Todavia, e quiçá injustamente, a vertente mais *gossip* da História atribui maior atenção ao envolvimento da progenitora de Pierre e Balthus, com o poeta Rainer Maria Rilke, do que à sua própria produção artística. Quanto a Pierre, já desde tenra idade manifestava apetência para a literatura e para o teatro, bem como para o desenho. Já no final da sua adolescência deparamo-nos com o primeiro episódio biográfico digno de registo. Este período marca o desenvolvimento do seu relacionamento com André Gide, tendo inclusive desempenhado o cargo de seu secretário. Em 1925, poderia mesmo ter sido o autor das ilustrações da obra de Gide, intitulada *Les Faux-Monnayeurs*, caso o editor deste último as não tivesse considerado como demasiado "*audazes*".

Já em Paris, conheceu Georges Bataille. A amizade entre ambos prolongou-se até à data da morte (1962) do mentor do grupo *Contre - Attaque* e da Revista *Acéphale*, projectos nos quais Klossovski também militou. Data desta época a formulação dos seus interessantes pontos de vista sobre Sade, posteriormente expressos na obra *Sade, mon Prochain*, bem como sobre assuntos de índole teológica. Durante a Segunda Guerra Mundial mergulhou num período de ascese junto dos Dominicanos, onde encontrou o refúgio espiritual que ambicionava. De regresso à vida secular, casa em 1947, com Denise Roberte Morin Sinclair, doravante sua companheira e musa inspiradora até ao final dos seus dias.

Auto-intitulado, acima de tudo, como um criador *monomaniaco*, Pierre abraçou toda uma multiplicidade de facetas enquanto, artista, tradutor (Nietzsche, Wittgenstein, Kafka, Kierkega-

ard e Heidegger, constituem apenas alguns dos exemplos das suas sempre atentas e escorreitas traduções), novelista, historiador, teólogo e filósofo.

Através desta multiplicidade de papéis, somos conduzidos a um, por vezes perturbador, mundo preñado de violência e paixão, turbulência moral e indagação teológica, espectacularidade e reflexão. Alicerçado num empenhado politeísmo, ou de acordo com o próprio artista, numa "*demonologia*", é o leitor/espectador das suas obras, confrontado com complexas articulações que abrangem áreas tão díspares como a teologia, filosofia e pornografia, sempre numa permanente ambivalência e alternância através dos papéis conferidos às suas personagens. Submissão e resistência são um *par oposto* transversal a toda a sua produção literária e visual.

- II -

Roberte

De quem é aquele livro que Antoine lia ontem à noite? É vosso ou de Victor? Só o título dá vômitos: «Sade, meu próximo»!

Octave

Dá vômitos a quem?

Roberte

A qualquer ateu que se respeite. Quanto ao vosso Sade, deixo-vos-lo de bom grado. Mas utilizá-lo para procurar convencer-nos de que não se pode ser ateu sem, automaticamente se ser perverso! Sendo perversos insultamos Deus para o fazer existir, cremos, portanto, o que é prova de que lhe queremos secretamente! Desse modo se julga poder dissuadir o descrente da sua sã convicção

Roberte, *ce Soir*, III

1947 é o ano da publicação do já anteriormente referenciado *Sade, mon Prochain*, que lhe granjeia admiração por parte dos seus pares devido à sua inovadora perspectiva apresentada sobre o Divino Marquês. Quanto aos seus propósitos acerca da interpretação da obra do Filósofo Celerado diz-nos Pierre que "*Sem dúvida, foi o propósito retirar Sade dos limites estreitos do comentário racionalista que levou o autor a elucidar a experiência sadeana tal como a concebia então, segundo a gnose maniqueísta de Marcion na sua aspiração à pureza incorpórea e a encontrar para o comportamento sadeano o seu análogo na seita dos Carpocratas, no seu culto do orgasmo, libertador da «luz celeste».*"

Também a tradição surrealista enalteceu a figura do Marquês Infame. No manifesto surrealista datado de 1924,

Sade, foi celebrado entre este círculo como o ícone representativo do assalto radical estabelecido contra o status quo definido pela trilogia Família, Igreja e Estado.



Les Barres Parallèles III (1975)

Sade é enaltecido como um “herói do amor, da generosidade e da liberdade.” Sade, foi celebrado entre este círculo como o ícone representativo do assalto radical estabelecido contra o *status quo* definido pela trilogia Família, Igreja e Estado. No entanto, a interpretação da imaginação pornográfica presente nos escritos de Sade, levaram a uma inesperada interpretação, realizada por parte do nosso autor. Em detrimento da clássica imagem do pornógrafo demente e obsessivo, Klossovski apresenta-o enaltecendo as suas virtudes enquanto grande moralizador. Escusado será referir aqui com grande detalhe, a ce-leuma e a controvérsia que *Sade, meu*

próximo gerou entre este movimento privilegiador de universos oníricos e automatismos mentais. A obra de Klossovsky foi refutada e catalogada como “*son pérfide ouvrage sur Sade*”.

Esta é a obra que apresenta Sade, nas próprias palavras de Pierre, como uma figura “com mais afinidades com os grandes heresiarcas da gnose, na sua obra clandestina: as cenas eróticas distinguem-se do género literário corrente na sua época pelo ódio ao corpo e pela impaciência que, aos seus heróis, suscitam os pacientes; pacientes sobre os quais de encarniçam, e por esse culto frenético do orgasmo que foi, em certas seitas maniqueístas, uma forma de culto da luz original.”

Initiatrices, incitratrices et liberatrices, surféminises en surfemmes, sintetiza o ideal de mulher *sadeana*. Através da sua hiperfeminização, ela encontra afinidades na análise *klossovskiana* do andrógino *sadeano* enquanto *femme-homme* e não como *homme* – *femme*: Não será legítimo encararmos a Juliette de Sade como um simulacro outorgador de sentido ao acto sodomita, enquanto a maior afronta transgressora perante Deus?

Um outro autor, também francês, Roland Barthes, postula uma curiosa análise do legado *sadeano* afirmando que, efectivamente, se pode ler Sade segundo um projecto de violência, mas que também o podemos ler segundo um princípio de delicadeza. Só este princípio de delicadeza postulado por Sade pode constituir, quando os tribunais da História tiverem mudado, uma língua absolutamente nova, a mutação inaudita, convidada a subverter o próprio sentido da fruição.

“Ritual frees an act of its monotony and expands its image; the image frees animal nature of its function and takes it in a new direction: fun and games, thus associating it with the secret gratuity of the Divine.”

Curiosamente, ou talvez não, o Erotismo *klossovskiano*, encontra a sua génese de forma quase paradoxal, quer nos textos religiosos, quer nos textos provenientes de uma tradição literária libertina. O leitor que já conheça ou que se interesse por vir a conhecer mais de perto a vasta obra do nosso autor constatará, a influência dos escritos de Santo Agostinho e de Sade. Ambas as tradições partilham um fascínio para com o dualismo, que fornece e alimenta a economia libidinal proposta por *klossovski*. Quer seja através da encarnação de papeis enquanto *voyeur*, mestre-de-cerimónias orquestrador de cenários ou ainda enquanto comentador de múltiplos aspectos inerentes ao Desejo, Pierre caracteriza-se sempre por colocar



o espectador/leitor numa posição precária e por vezes desconfortável. Assim, ficamos presos de forma mais ou menos indefinida entre conceitos como o Bem e o Mal, o Comunicável e o Incomunicável, entre o Erotismo e a Perversidade. Neste processo, quase que podemos falar da perseguição de uma teologia em que Deus e Satanás nos surgem como um Só. Esta teologia *klossovskiana* não é apenas controversa, radicando os seus fundamentos numa época em que o mundo e principalmente a Europa ainda se encontravam à mercê das sombras remanescentes das duas Guerras que devastaram o velho continente. Como afirmou um dia, um seu grande admirador, Michel Foucault, a ficção de Klossovski está bem longe dos domínios da abstracção: “*It is neither Heaven nor Hell, nor limbo; it is, quite simply, our own world.*”

– III –

Em 1953, Klossovski concentra as suas atenções na ficção. Data deste ano a publicação de *Roberte, ce Soir*, primeira novela da trilogia denominada de *Les Lois de l'hospitalité*. Esta estreia neste género literário marca também, aos quarenta e nove anos de idade, o início da sua carreira artística. Inicialmente a solicitação para a ilustração desta obra foi dirigida ao seu irmão Balthus. Insatisfeito com os resultados, o próprio Klossovski, decide deitar mãos à obra, e cria ele mesmo as ilustrações. Alguns anos mais tarde, e incitado por alguns dos seus amigos, onde figuravam nomes como Alberto Giacometti e André Masson, exhibe alguns dos seus desenhos, a título privado, no seu velho estúdio parisiense.

Data também deste período, o granjear de um reconhecimento enquanto “artista pós-moderno”. Sendo contemporâneo de Bataille e de Maurice Blanchot, a sua obra começa a entrar progressivamente no campo da teorização, devido principalmente, à especulação que estabeleceu em torno de conceitos como *Simulacro* e *Hospitalidade*. Nesta efervescente conjuntura intelectual que marcou o final dos anos 60 e inícios dos 70 do século passado, assistimos à aclamação de Pierre por parte de intelectuais como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Félix Guattari.

Enquanto escritor, Pierre assume-se com enorme mestria na *ekphrasis*, a vívida e cristalina forma de descrição, tão cara a Ovídio nas suas *Metamorfoses* bem como a Virgílio na sua *Eneida*, enquanto alternativa narrativa à própria obra de arte. Todavia, importa ressaltar aqui que, apesar de a *ekphrasis* almejar

uma descrição o mais “verosímil” possível de um “objecto” ausente, bem como a conjuração de imagens intemporais, Klossovski, por seu turno reporta-nos para os domínios mais ocultos e traumáticos da história, que se encontram ocultos nas suas narrativas em torno de lendas e mitologias.

Uma outra obra, incontornável e dificilmente classificável, remonta a 1965, e tem por título *Baphomet*. Este livro, dedicado ao filósofo Michel Foucault é uma espécie de *tableau vivant* literário, relata-nos as aventuras e desventuras da jovem e bela figura andrógina de Ogier junto dos Cavaleiros da Ordem do Templo. Subjaz de forma

latente, após a leitura transversal deste livro, a figura de Baphomet como o inimigo de Deus. Nestas páginas encontra o leitor um hino sombrio ao fascínio intemporal que a adolescência tem exercido ao longo dos tempos, bem como o exercício da sexualidade enquanto experiência de Poder.

– IV –

“ O segundo gesto das suas mãos desarmadas é o de tirar água e de com ela aspergir o rosto de Actéon; gesto ritual, gesto consagratório que opera a metamorfose do caçador em veado. Foi então que Actéon pôde ainda escutar



La Caverne (Roberte chez les Troglodytes) 1975



Fotografia de Pierre Zucca para a série *La Monnaie vivante* (1970)

Diana proferir as palavras:

*Nunc tibi me posito visam velamine
narres*

Si poteris narrare, licet?

Perceberia ele o sentido ou somente o som destas palavras quando deixava de ser homem mas não era ainda veado?"

Klossovski em *O Banho de Diana*

Ainda na órbita da influência literária exercida por Bataille, e dos estudos realizados em torno do Sagrado e das suas distintas manifestações, Pierre escreve a obra *O Banho de Diana*. Esta obra alicerça-se fundamentalmente no estudo das qualidades intrínsecas e subjacentes aos mistérios do Eterno Feminino. Assente numa perspectiva sa-

cralizadante da ambivalência de papéis que constituem apanágio deste género: virgindade e procriação, assim como, uma reflexão acerca do exercício dos mais distintos tipos de violência perpetrados sobre as mulheres no decurso de toda a História da Humanidade, mas com um enfoque muito particular na Antiguidade Clássica. De acordo com alguns críticos e teóricos, esta obra pode ser, de forma oblíqua, lida enquanto crítica e não apenas como mero exercício arqueológico ou mero interesse de académico nos brumosos domínios da Lenda. Recordemos ainda que na Paris pós Simone de Beauvoir, o *Complexo de Diana* era amplamente discutido dentro de alguns círculos intelectuais mais adstritos a uma filiação feminista e marxista.

O Banho de Diana, tendo por ponto de partida os estudos efectuados em

torno do sistema matriarcal "*Mutterrecht*", cunhado por Bachofen, foi concebido após longos anos de reflexão, por parte de Klossovski, em torno de uma das obras que mais o marcou, *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho. A ideia de uma cidade sagrada (*Civitas Dei*) contrabalançada pela existência da sua opositora demoníaca, a *Civitas Diaboli*, encarnada pela Roma semi-pagã, encontrará de acordo com a perspectiva estabelecida por Klossovski, a sua manifestação contemporânea na Paris da segunda metade do século XX.

O Banho de Diana centra-se em torno de duas personagens; Diana e Actaeon. Este é um tema cujo interesse, manifestado através de representação pictórica, remonta aos círculos Humanistas. Enquanto caçava, Actaeon involuntariamente, surpreende Diana que se banhava despida no meio de um bosque. A deusa caçadora e virgem, personificação da castidade, é simbolizada através da representação da lua em quarto crescente. Culpado de ter violado a sua castidade, Actaeon é transformado pela própria deusa em veado. Uma curiosa interpretação alicerçada nos domínios da psicologia das profundezas é-nos dado por Jacques Lacan. Para o célebre psicanalista a punição de Actaeon é uma alegoria que ilustra a "*pursuit of the impossible object of psychoanalytic knowledge*."

- V -

"Não irei abordar aqui a questão muito importante levantada pelo carácter originalmente andrógino de muitas divindades: Eliade insiste, tal como outros, no facto de as hierogamias de terem ficado a dever, frequentemente, num estágio posterior, ao desdobramento de uma divindade, inicialmente andrógina, num deus e numa deusa; assinala que, com o aparecimento das grandes deusas telurianas, vemos o princípio masculino, enquanto fecundante, subordinado à deusa fecundável: que, em mais de um caso, tal deusa conserva ela mesma um carácter andrógino se identifica com o poderio criador como atributo soberano da divindade. Sem me demorar muito nos inúmeros emblemas e símbolos que em muitas dessas estátuas recordavam essa androginidade, vou limitar-me à fase evidentemente tardia em que a estatuária fixou definitivamente para os olhos os deuses e as deusas em formas masculinas e femininas. E volto a insistir na influência «malfazeja» dessa determinação espectacular. Uma vez que tais eram os simulacros divinos devidos aos mestres da estatua antiga e às suas numerosas réplicas, que povoaram o espaço visual, vejamos por um instante o papel psicológico representado por essa «explicação» do divino sob



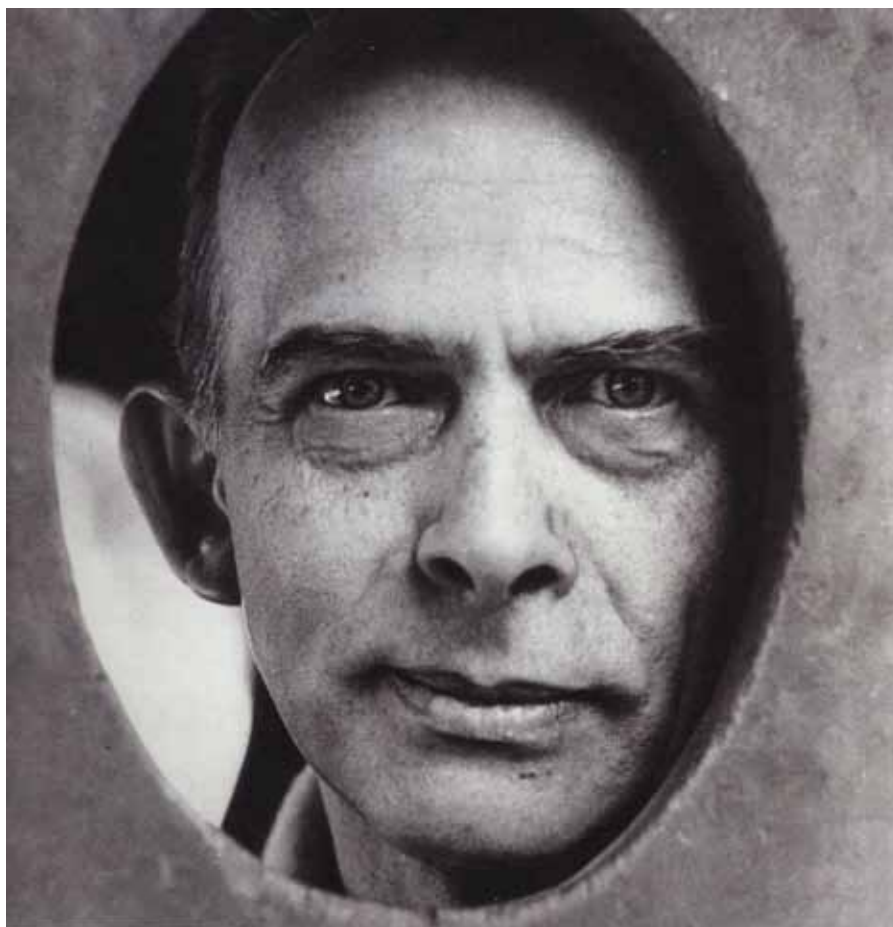
a forma de deuses e deusas expulsando-se, contrariando-se, violentando-se, unindo-se, exercendo a sedução e entregando-se aos prazeres. Começemos com algumas palavras sobre o papel ritual das estátuas ”

Klossovski em *Os simulacros e a natureza espectacular dos deuses e das deusas*, capítulo integrante da sua obra *Origens Culturais e Míticas de um Certo Comportamento das Damas Romanas*

Klossovski não será, na minha opinião, apenas o escritor da “teo-pornologia”, tal e qual como o designou o filósofo Gilles Deleuze. É acima de tudo, um autor cuja obra ficou marcada pela exaltação de uma *Pantomina de Espíritos*. As suas obras, principalmente as pictóricas são atravessadas por cenas sado-eróticas, por vezes repetidas obsessivamente ad *ad nauseam*, através de sequências trespassadas por uma linguagem visual, simultaneamente dramática e teatral. Por regra, os seus desenhos consistem na representação de duas personagens, uma com um papel de maior protagonismo e a outra obviamente secundária. Perante esta “encenação”, ou reconstrução teatralizada, o espectador, por vezes é tentado a sentir-se na presença de um qualquer primevo simulacro mediado pela escultura. Esta teatralidade em Klossovski, assenta no pressuposto de que os seus textos bem como as suas imagens, tendencialmente, representam/capturam os seus intervenientes *in flagrante*.

A sua actividade, principalmente enquanto artista plástico, é-nos apresentada em *Klossovski by Klossovski*, (Flash Art, nº107, Maio de 1982), de forma bastante esclarecedora: “*My activity, appeared not as pictures, so much as simulacra of pictures – simulacra of simulacra? – which no longer imitated some private phantasm, but which simulated, objectified and criticised the survival in my sensibility of past stereotypes...Hence the theatricality of my compositions*”

Esta “pantomina” contempla em si uma miríade de espíritos, encerrados debaixo de várias matrizes secundárias, e que de forma quase sub-reptícia têm sobrevivido ao longo dos séculos enquanto “concha viva” albergadora e protectora dos arquétipos imorredouros integrantes do nosso Inconsciente Colectivo. Em Klossovski, as figuras de Diana e Acteon, de Tarquino e Lucrécia, simbolizam estas manifestações arquétípicas, resquícios sobreviventes de um fundo mitológico, histórico, místico, ou mesmo puramente fictício. Através destes jogos cénicos ou “*theologia theatrica*”, como o próprio klossovski assim os designava, nós os seus espectadores e



Pierre klossovski, circa 1982 by Mylène de Colchier

seus admiradores, somos confrontados com representações inevitavelmente interligadas com o domínio da mais pura ritualidade religiosa, através do uso e abuso de «simulacros» representados à luz da já referida arquitepologia.

Permitam-me que encerre a partilha desta minha velha «amizade», com as palavras do próprio Pierre Klossovski, proferidas na entrevista intitulada “*Simulacra*”, publicada na *Art & Text* nº 18 (1985): “*There is a kind of exchange between the spectator and the characters. This is to do with the human scale of the figures... the spectator actualizes himself by contemplating the figure, which is offered to him as a victim. But whether or not the spectator stops himself from being the virtual executioner of the character presented to him by the picture, is his own affair.*”

Estaremos todos nós, tão confortavelmente instalados na poltrona desta tão ilusória pós-modernidade líquida, absorvendo serenamente de forma letárgica os produtos estupidificantes e embrutecedores da Cultura de Massas, que tenhamos esquecido a necessidade de mantermos vivos e bem próximo de nós, os simulacros de simulacros, revivificadores dos velhos mitos tão necessários à nossa saúde mental? Sim. Essa é uma questão que só pode ser respondida de forma individual. •

selecta klossovskiana:

“*Sade, meu Próximo*”; Vega, Lisboa. 2008

“*A Moeda Viva*”; Vega, Lisboa. 2008

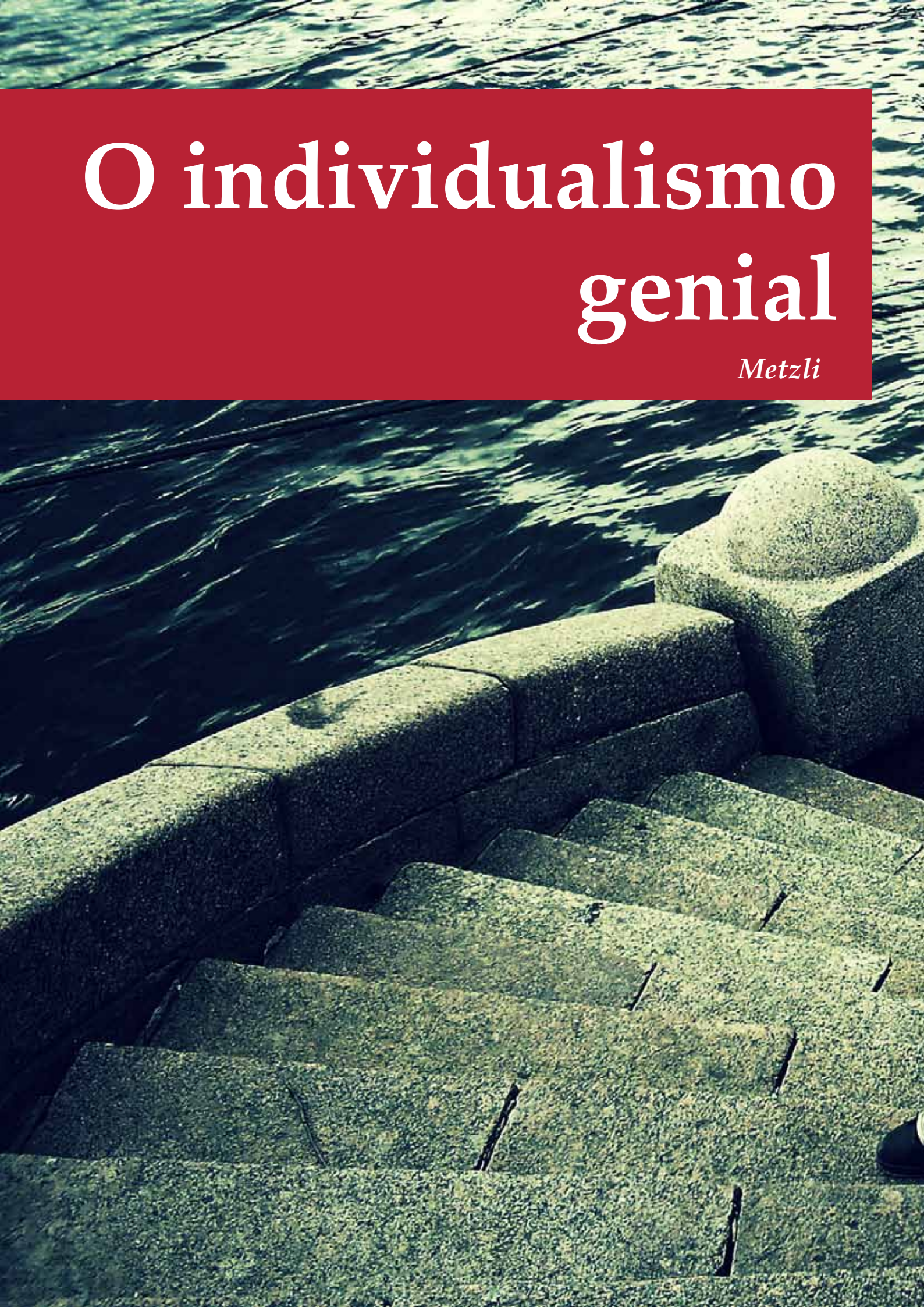
“*Baphomet*”; Campo das Letras, Porto. 2005

“*O Banho de Diana*”; Edições Cotovia, Lisboa. 1989

“*Origens Culturais e Míticas de Um Certo Comportamento das Damas Romanas*”; Edições Cotovia, Lisboa. 1991

O individualismo genial

Metzli







Sabemos que o conceito de eternidade implica uma vida interminável.

Na maioria das vezes, pensamos em eternidade de um corpo físico e, como tal, impossível de alcançar. Até que olhamos à nossa volta e percebemos que afinal o conceito de eternidade é tão atingível como outros conceitos, como por exemplo o aperfeiçoamento.

Já os antigos egípcios acreditavam na vida eterna, e apetrechavam os túmulos reais com todas as riquezas para que o faraó pudesse ter uma vida idêntica à que foi vivida pelo seu corpo. E não tinham eles razão? Não garantiram dessa forma a vida eterna que tanto desejavam? Se o nosso primeiro impulso é responder “Não”, então vamos rodar a história e vê-la de um outro prisma.

Não conhecemos nós hoje grandes faraós e a sua forma de vida? No imaginário de cada um, conseguimos recriar a imagem de várias dessas personagens, as suas roupas e adornos,

as suas atividades. Não conseguiram assim continuar a viver mesmo depois do seu corpo ter padecido? Não havendo na época a possibilidade do registo fotográfico, como o conhecemos hoje, ainda nos deixaram os seus corpos embalsamados para, com a tecnologia de que dispomos, conseguirmos recriar também a sua anatomia.

Para se atingir assim essa eternidade por quase todos desejada só temos de marcar a sociedade, atual e futura. Simples...

Teoria da Relatividade. Quem nunca ouviu falar desta Teoria? Poucos serão aqueles que, apesar de terem ouvido falar de tar Teoria, a sabiam explicar ou simplesmente conhecer os seus pressupostos. No entanto, todos sabem que foi o seu pai: Albert Einstein.

Foi em Einstein que a Física Moderna viu o nascer do Sol. Antes de continuar, gostaria apenas de deixar registado que Einstein se encontra em segundo lugar, imediatamente a seguir a Galileu, no meu *ranking* pessoal de “homens da ciência reconhecidos pela maioria mas que menos admiro”. Não obstante este facto, tenho de reconhecer a importância da sua existência e a sua inevitável eternidade.

Sobre esta figura, presente no ima-

ginário de cada um, muito se pode dizer e se diz por aí. A imagem de um senhor de cabelos e bigode grisalhos, a aproximar-se já muito do branco puro, junto a um quadro preto vai ser sempre eterna e vai ser sempre a imagem associada a Einstein.

Todos os físicos vão beber à sua obra, muito embora se tenha falado muito ultimamente mais dos trabalhos que procuraram tornar a sua Teoria na maior falsidade desde as Teorias Criacionistas sobre o aparecimento da vida na Terra. Em relação a esta temática vou deixar apenas alusão a dois estudos que são, a meu ver, interessantes.

Um deles, relacionado com a descoberta do Grupo de Lie E8, é a Teoria de Tudo, enunciada por Garrett Lisi, um americano doutorado em física, que passa a parte quente do ano a fazer *surf* e a parte fria a fazer *snowboard*. Portanto, uma pessoa de quem também poderíamos falar). A ser provada, a Teoria de Tudo que vem explicar o que a Teoria da Relatividade deixou por explicar, irá colocar Lisi no patamar de Einstein e, no próximo século, nas páginas da *Infernus* estaremos a escrever sobre si.

O outro é o tão falado nos *mass media* da atualidade, o projecto OPERA (*Oscillation Project With Emulsion-Tra-*





cking Apparatus), que visava estudar as propriedades dos neutrinos e que os considerava mais rápidos do que a luz. Apesar de já ter sido descartado, o estudo continua a ser interessante.

Voltando a Einstein, repito, muito se pode encontrar sobre si. Para nós talvez tenha interesse perceber o que se escreve sobre a sua personalidade para tentarmos perceber os eu caminho. Não tendo sido uma pessoa especialmente genial em todas as áreas do conhecimento, como acontecia na Grécia Antiga, por exemplo, Albert Einstein levou um professor a considerar que ele nunca seria ninguém na vida.

No entanto, uma criança que, após ter apenas algumas noções de geometria, consegue deduzir sozinho o Teorema de Pitágoras tem de ser diferente e especial, e como tal tem de marcar a sua sociedade, desde que trabalhe com esse intuito. Imagino como deverá ter sido complicado relacionar-se com os outros, muito menos interessantes e, bem pior do que isso, com muito menos interesses.



E talvez daí tenha surgido a sua tendência para atividades individuais em detrimento das atividades de grupo. A maioria das pessoas tende a reprimir aquilo que faz de si único e a adotar comportamentos massifi-

cados, de modo a camuflar-se na multidão que compõe a sociedade. É isso que nos ensinam os nossos educadores e é por isso que consideramos que a eternidade é tão difícil de atingir.

É bem mais fácil deixar-se ir com a maré. Quem é individualista não é popular e por isso mesmo, provavelmente, Einstein terá agora mais pessoas no mundo que o admiram do que teria na altura em que realizava hematose. É o preço a pagar.

Depois de tudo isto, é inevitável concluir que Albert Einstein é e será sempre eterno. Einstein já marcou a sociedade e já conquistou a sua eternidade. Nem tanto pelo que fez, mas como o fez. Com individualismo, em vez de seguir as massas. Marcando a diferença, com conhecimento das suas capacidades e segurança nelas.

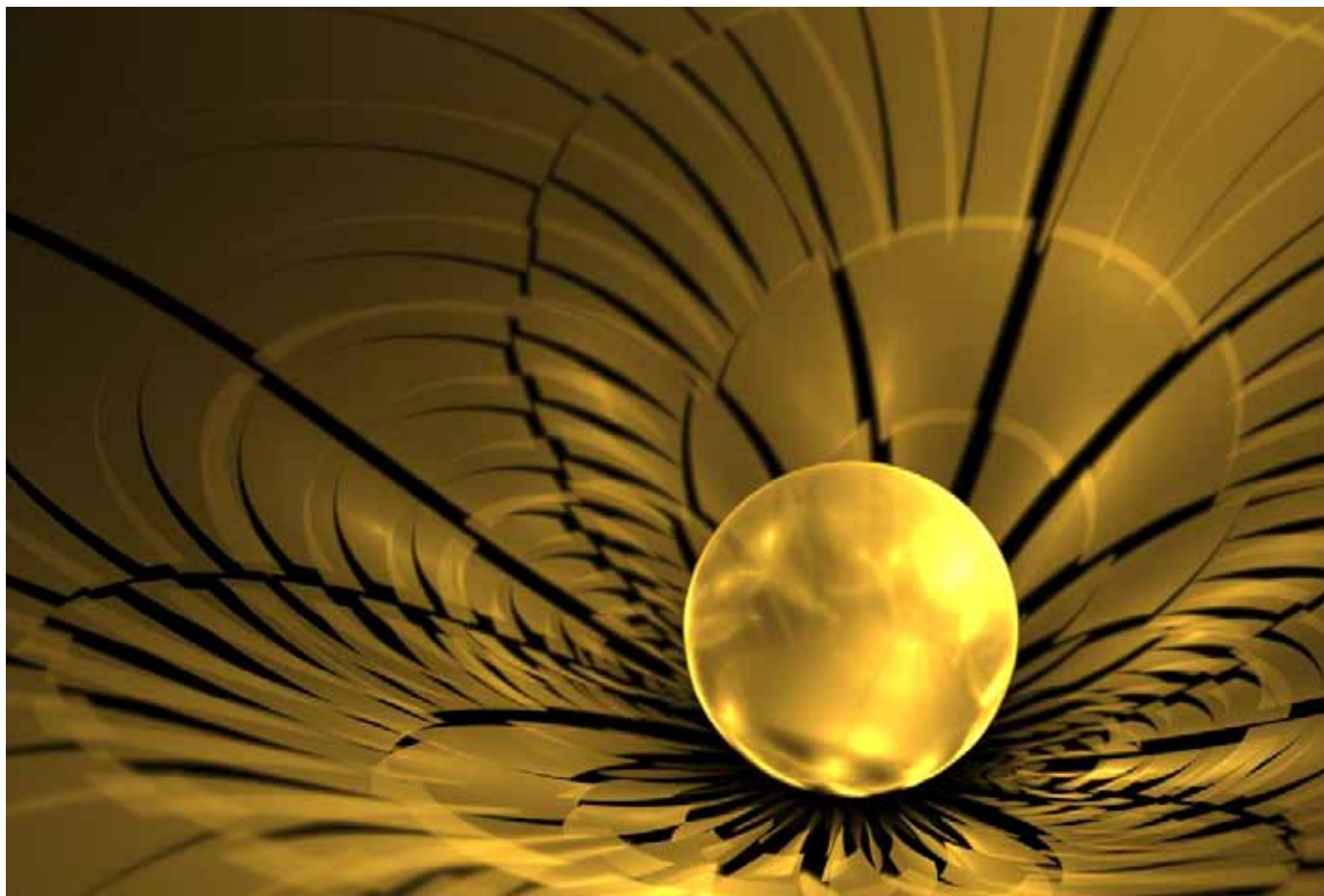
Não queria ir muito longe e associar o adjetivo satânico a esta personagem, mas pensando bem, e se ninguém manifestar o seu interesse em que tal não aconteça, irei referir que estará perto. Por ter mantido a sua mente concentrada naquilo que gostava. Por ter percebido as suas capacidades e as ter explorado para seu proveito a máximo. Por aceitar que os restantes não estariam à altura e viver bem com essa


***Com individualismo,
em vez de seguir as
massas. Marcando a
diferença, com con-
hecimento das suas
capacidades
e segurança nelas.***


constatação, continuando a ser mais e melhor.

No final de contas, quem sabe se todas aquelas pessoas que não possuem grandes capacidades para conhecimentos mais relacionados com a memória, não venha a ser um génio deste século?

O penteado eu dispenso. •



O manto do oculto

Vitor V.





Tantos são os nomes, tantas são as referências, tantas são as associações. Dentre as infinitas impressões que a palavra “Satanismo” e outras dela derivadas há claramente o que poderia ser chamado de um “manto do oculto”. Uma áurea simbólica que atrai e ao mesmo tempo causa repulsa. Um conjunto de figuras, histórias, relatos; formas que compõem um imaginário popular e influenciam o próprio Satanismo.

Este manto do oculto tem suas origens no próprio cristianismo em si. E diz respeito a uma escolha feita por LaVey, absolutamente justificável. Fazer de *Satan* o arquétipo primeiro para a religião a ponto de dar-lhe o nome foi, por um lado, um fantástico artifício para forjar o bastião do sistema religioso satanista, e, por outro, o que posteriormente se tornou a origem maior de todas as falsas interpretações. Pois a figura cristã (não originalmente cristã, que seja reafirmado) trouxe consigo, mesmo tendo sido reinterpretada, se podemos assim dizer, trouxe aquele espectro de Idade Média e todas as demonologias e ocultismos que nela residiram. E o próprio LaVey não deixou de lado a teatralidade e abusou das formas que “o mal” ganhara, antes mesmo de sua existência. O Satanismo enquanto religião não foi forjado sóbrio, limpo, seco e direto como uma cartilha de condutas a serem seguidas. O que poderia até significar para alguns uma grande pena... Seja como for, pego desprevenido, talvez, *Satan* foi coberto com o tal manto de oculto, e o rastro de maus olhares começaram a surgir. E gostaram disto...

Não é difícil encontrar textos que se propõe desesperadamente a estabelecer certas relações históricas entre algo do passado, distante mesmo, e alguma figura, imagem ou conceito para o Satanismo. Sociedades secretas, rituais, personagens importantes, enfim. O manto do qual falamos carece sempre de alguma validação. O que é curioso, pois aquilo que a ele nos atrai é justamente a sua qualidade de impreciso, de obscuro, de limites pouco claros. Trata-se de uma relação paradoxal. Aquele jovem leitor, sedento por novos conhecimentos, depois de linhas e mais linhas degustadas em noites de tédio, tornar-se-á um defensor incondicional da Sagrada Legião dos Demônios X que no século sabe-se lá quando realizava o ritual do vigésimo sétimo pentagrama. E ele será tão ávi-

do quanto mais questionável isto for. Pois o quão mais “secretas” forem as fontes, mais dignas elas são. E o que é mais curioso é a ingenuidade histórica, se podemos assim dizer, por parte de muitos. Pois ora, basta que eu escreva um livro dizendo que ele pertenceu a gerações de mestres cujos avôs têm suas mortes datadas de três séculos atrás, para que isto se torne uma verdade. Um retrocesso em termos de ceticismo que chega a assustar! E isto, como dito, ao lado de uma tentativa controversa de se provar por A mais B que algo de facto existiu e continua a exercer influência no nosso tempo actual.

O que se pretende colocar em cheque aqui, em primeiro lugar, é o carácter de facto daquilo que tão somente por si é assim atestado. Eu digo que foi, e, pronto, uma legião passa a adotar aquilo como se fosse verdade. Naturalmente, não estou a falar de entrar em questões mais complexas de história e historiografia. Mas há (ainda) uma vastíssima gama de materiais que se propõem a serem os pergaminhos mais genuínos de tempos passados, descrevendo rituais, fórmulas mágicas, conjurações e outros. Sob a generalidade do rótulo “ocultismo” temos um sem número de conteúdo de tal natureza. E também não pouco é aquele que acaba por levar junto a etiqueta de “Satanismo”. Uma consequência natural e esperada.

Temos então duas coisas a serem contestadas. A coisa em si que através de altos brados clama por se enquadrada na categoria “satanismo” e este próprio enquadramento. Pois se não bastasse a tal Sagrada Legião dos Demônios X não possuir qualquer legitimidade histórica, em que medida ela pode estabelecer alguma influência para o Satanismo? Aliás, palavrinha complicada esta, não?

Pois o que vem a ser a tal da influência? Quantos não são aqueles a erguerem suas vozes para dizer: não



sou Satanista, mas os ensinamentos do meu mestre oculto escritos 10 anos antes de cristo foram fundamentais para a constituição da religião de LaVey. Numa tentativa de superestimarem os sistemas religiosos aos quais pertencem, não falte quem tente buscar a qualquer custo uma relação entre tais sistemas e a religião Satanista.

Seria uma inverdade dizer que ela surgiu do nada. Não seria nem um pouco coerente elevar LaVey a um “deus” (mas todos não são deuses no Satanismo?!) a ponto de dizer que ele oficializou na forma de religião uma série de coisas nunca dantes pensadas. Não se trata disto. LaVey bebe em Nietzsche, Crowley, filósofos hedonistas, dentre uma vastíssima lista de outros, por sua vez, impossível de ser concebida. Não é possível saber o que se passou na cabeça de LaVey e que foi relevante para a fundação da *Church of Satan*. O que não significa que qualquer coisa possa a ela ser associada.

Até agora estávamos a falar de passado. Mas o tema não se esgota ao somente olharmos para trás...

Felizmente vemos hoje em dia que a nova moda em termos de religião é justamente não ter uma. Diferentemente de alguns anos atrás onde o fascínio era justamente por meios alternativos àqueles oferecidos pela maioria das religiões cristãs. Satanismo, Thelema, Goétia, enfim. A própria acessibilidade dessas informações também era, por sua vez, um dos factores que tornava a coisa mais “excitante” ainda.

Hoje em dia, não obstante, é pos-


“O Satanismo enquanto religião não foi forjado sóbrio, limpo, seco e direto como uma cartilha de condutas a serem seguidas. (...) pego desprevenido, talvez, Satan foi coberto com o tal manto de oculto.”




sível ainda encontrar a todo o vapor pseudo-sociedades secretas, preservando aquele mesmo manto do oculto. Através da internet interesses que antes eram afastados uns dos outros por conta de questões geográficas passaram a ser postos lado a lado. O resul-

tado disso é a uma série de Sagradas Legiões, mas, desta vez, muito bem situadas no tempo. Elas mantêm as suas hierarquias como formas de egolatria vazia por parte de seus membros além da boa e velha sensação de autoridade e importância dentro de um grupo. Elas continuam a determinar influências, promover desconhecimento, manter-se sob o espectro do secreto, enfim.

O que é mais curioso em toda esta história é que a religião Satanista desde o momento da sua fundação contou com uma forma muito clara de exposição. Satanismo não é oculto, ele está disponível para todos aqueles que tiverem acesso à Bíblia Satânica. Os preceitos da religião não estão escondidos em grimórios de gerações anteriores. Há uma literatura nomeadamente satanista que não precisa se esconder de absolutamente nada. Também não se faz necessária qualquer busca arqueológica que de contornos às propostas da religião, elas são claras o bastante; o sistema religioso satanista já fora construído. Sistema este que, diga-se de passagem, não promove o congregacionismo, o que parece ser esquecido por muitos iniciantes no assunto. Basta ver o quão associada está a idéia

de prática à noção de grupo.

É extremamente válido pensar em termos de influências para o satanismo. É extremamente válido valer-se de uma coletividade para que a religião possa dar os seus passos no tempo, adequando-se às necessidades do hoje. Mas não será isto obtido se nos preocupamos somente com o que veio antes no tempo, ou ainda se conseguiremos cada um obter títulos dentro de uma organização. O Satanismo precisa simplesmente sair de si mesmo e ser visto em terrenos que não sejam os seus próprios. Mas não se trata de relações arbitrárias, mas de um trabalho de reflexão realizado por quem de facto se propõe a fazê-lo. Aí entra o propósito de uma organização com fins verdadeiramente válidos.

De resto, só nos resta esperar que a onda ateísta cientificista possa com todo o seu ceticismo (já presente a muito nas entrelinhas de toda literatura satanista), acabar de uma vez por todas com essa atracção medieval consagrada por muitos. Já assustamos quem tínhamos de assustar, que caíam as máscaras... •

“Mas há (ainda) uma vastíssima gama de materiais que se propõem a serem os pergaminhos mais genuínos de tempos passados, descrevendo rituais, fórmulas mágicas, conjurações e outros.”



Lilith

A Gafe do Criador – II

Outubro



Resumo da 1ª parte

No seu esforço perfeccionista de Criação, o Senhor apercebe-se da falta de dois seres: Um homem e uma mulher, mobilizando de imediato os seus três assistentes, Senoy, Sansenoy, e Semangelof, para lhe reunirem a matéria-prima necessária para a conclusão do seu projeto de criação. A conceção decorre sem incidentes e o Senhor cria dois seres (quase) perfeitos: Adão, um homem morfológicamente completo, mas algo tacanho e Lilith uma criatura belíssima, com uma personalidade fortíssima e uma libido demasiado caprichosa para os instintos algo boçais de Adão, essencialmente virados à procriação.

Saturada da vida entediante que levava com Adão, Lilith resolve servir-lhe uma poção indutora do sono e fugir para o Mar Vermelho, para se reunir a Asmodeus, um conhecido demónio e playboy internacional do submundo.

Quarto Ato – A Visita dos Três S

Senoy, Sansenoy, e Semangelof, apresentai-vos imediatamente no Gabinete do Senhor.

Senoy, Sansenoy, e Semangelof, solicita-se a vossa presença no...

– Está bem, está bem, já vamos! – diz Senoy através do intercomunicador. – O que querará ele desta vez?

– As notícias não são boas, parece que a cabra da Lilith abandonou o pastor, e deixou-o a chorar vides talhadas no ninho do Éden. Consta que se pirou para o Mar Vermelho – disse Sansenoy.

– Não digas mais – exclamou Semangelof, coçando nervosamente a asa. – Lá se foi o projeto piloto. Imagino o estado de espírito do Chefe.

– Nós avisámo-lo, mas a megalomania é tal que foi incapaz de nos dar ouvidos. É claro que vai sobrar para nós. Os Agentes de Crise.

Dito isto, os Três S voaram constrangidos até ao corredor da Sede da Corporação Divina, batendo ao de leve à porta da Direção.

Uma voz arrastada e grave gritou-lhes do interior:

– Entraiiii!

Os três S entraram hesitantemente e fecharam a porta atrás de si. Foi Senoy que falou.

– Chamaste-nos Se...

– Já não era sem tempo. Que andais vós a fazer, a laurear a pevide nas nuvens num momento destes?

– Pediram-nos para tomar conta dos Querubins no Infantário, parece que o responsável também caiu há dois dias, à conta de uma diva Indiana... – desculpou-se Sansenoy, precipitadamente. – Os pobres petizes ficaram sem vigilância e nós...

– Sois meus Agentes de Crise e tendes de estar disponíveis em momentos graves como este.

– Nós ouvimos as notícias, aquela cabra...

– Não blasfemeis em vão das minhas criações. Lilith é uma força da natureza, mas conseguiremos certamente que oiça a voz da razão e regresse ao seu esposo, com um pouco da diplomacia que vos é própria.

Pois sim, voltar para aquele pastor imbecil depois do latagão do Asmodeus lhe ferver as partes num resort de cinco estrelas, rodeada de todos os luxos, pensou Semangelof, decidindo sem sucesso guardá-lo para si.

– Eu ouvi isso. – disse o Senhor. – Acaso deixastes de acreditar no Amor Divino, na Compaixão, no Respeito pela Dor Alheia? Adão contactou-me, implorando-me em lágrimas que lhe arranjasse outra mulher. É claro que isso tem custos, em que não estou disposto a incorrer antes de tentar por todos os meios, recuperar o espécimen original. Ordeno-vos portanto que viajais até ao Mar Vermelho e tenteis convencer Lilith a regressar.

– Quando, Senhor?

– Imediatamente. Tendes a velha quadriga de Prometeu ao vosso dispor.

– Esse chaço velho? Perde a aderência nas superfícies front...

– Silêncio! Não há orçamento para quadrigas novas.

A não ser para as tuas, cabrão.

– Eu ouvi isso. – disse o Senhor. – Ide, agora. Espero-vos dentro de três dias com boas novas.

– Não vai ser fácil.

– Mas tereis de o conseguir, de contrário ver-me-ei forçado a descontar uma percentagem do prejuízo no vosso salário.

– Mas, Senhor...

– Nem mais uma palavra. A vida está difícil para todos desde a Queda dos Rebeldes. Hoje, mais do que nunca conto convosco. Sois a Nata dos Céus.

Eu diria Requeijão...

– Dispensó esses comentários.

Relutantes, mas sabendo que não lhes restava outra opção, os três S despediram-se com a devida reverência e saíram do Gabinete da Direção, dirigindo-se de imediato para o parque de quadrigas, à saída do edifício.

– Gabriel traz-nos lá o chaço do Prometeu. – disse Sansenoy a um anjo mas-carrado de badana vermelha e palito ao canto da boca.

– É para já. A roda da esquerda está rachada mas eu pus-lhe um reforço, te-reis apenas de abrandar nas superfícies frontais. Os cavalos são velhos mas resistentes.



Acaso deixastes de acreditar no Amor Divino, na Compaixão, no Respeito pela Dor Alheia?

Dito isto, desapareceu no interior da garagem, reaparecendo pouco depois com a velha quadriga de Prometeu, chapada a latão.

Depois de vestirem os seus uniformes de voo imaculados, os 3 S iniciavam enfim a sua viagem acidentada até ao Mar Vermelho.

Suite 3116 – Mar Vermelho:

– Sim, amor, sim, sim, com mais força.

– Minha doida, sois a mais bela criação do Velho. Como foi ele arranjar imaginação para tanto?

– Ahhhh, meu falo levitante, que não me dais descanso. Sou tua, toda tua, meu pérfido amante, que o Velho me perdoe... fornicar-me com tudo o que tens!

O seu delírio foi interrompido, por um abrupto chiar de travões seguido do ruído lamentoso de um tampão metálico a rodopiar no asfalto do parque de estacionamento do hotel.

Sobressaltada, Lilith enrolou-se num lençol e correu para a janela.

– Oh não! O Velho mandou os Agentes de Crise. Mas que chatice. Espero que o idiota do Adão não se tenha suicidado.

– Com tantas ovelhinhas para passear o dia inteiro? A estas horas já está a procriar híbridos.

Lilith vestiu apressadamente uma túnica de cetim azul e sentou-se na cama a olhar para o telefone, que não tardou a tocar avisando-a da presença dos Três S na sala de reuniões.

– Tenho de descer. – disse Lilith contrariada, alisando rapidamente o cabelo ao espelho. – Estou apresentável?

– Apresentável? Apresentável? Ide-vos Lilith, depressa, ide-vos, e de caminho pedi à Ornela que dê aqui um saltinho. Estou certo que vos ireis alongar... abandonais-me... a arder.

– Tarado.

Lilith saiu de rompante do quarto e bateu à porta de Ornela antes de se encaminhar para o elevador.



– Sim? – disse Ornela do interior.

– Toca a andar. Asmodeus precisa dos teus serviços suplementares. – Dito isto, percorreu o corredor e carregou no botão do elevador, que chegou imediatamente. Lilith entrou e carregou na tecla da recepção. (Era desaconselhável voar diante dos Agentes de Crise, revelando-lhes a sua verdadeira natureza demoníaca).

Os Três S já a esperavam na sala de reuniões, com um semblante carregado, que se apressaram a compor com um sorriso angelical, assim que a viram entrar.

– Lilith, que prazer ver-vos depois de tão longa ausência, como estais bela e rosada. Os ares do submundo parecem produzir milagres em vós. – disse Sansenoy.

– Deixai-vos de rodeios e ide direitos ao assunto. O que vos trás por aqui?

– Uma missão de Amor, digamos assim. Adão está de rastos e o Senhor pediu-nos que viajássemos até cá para apelar à vossa Compaixão. Não tendes nem um pouco de saudades do Paraíso verdejante e fresco que abandonastes?

– Do Paraíso talvez, mas Adão era um porco chauvinista muito pouco criativo no que toca ao fandango. Além disso era um pelintra.

– Lilith, Lilith, o dinheiro não é tudo – disse Senoy

– Mas ajuda... Além disso ele magoou-me. Não sou propriamente uma panqueca que se vire de um lado e de outro, a toda a hora, apenas para levar com a geleia fértil daquele desajeitado, à espera que o meu ventre inche e lhe produza um broto, ou dois, à sua imagem e semelhança. Certamente que entendeis. Que futuro se desenharia para a humanidade com tamanha carga de boçalidade genética? É um risco que a Corporação Divina certamente não desejara correr.

– Não sei, não. Provavelmente a boçalidade até lhes convém.

– Não quero saber. Estou bem aqui. Asmodeus é divertido e possui a luxúria que me apraz. Adão que se vire.

– Estais portanto a pôr de parte a hipótese do regresso.

– Exatamente. Lamento, muito meus caros, mas também eu descobri o meu sentido de vida, algo que o Velho certamente não previu. São coisas que acontecem. Nem tudo corre como desejamos quando se omite a vontade e os instintos que nos são próprios da equação. Para Adão não volto nem morta.

– É essa a vossa decisão final? Ficaremos mais dois dias, para vos dar tempo a ponderardes um pouco no assunto.

– Ficaí se assim o desejardes, mas a minha decisão é definitiva.

Os Três S olharam uns para os outros e Senoy disse:

– Já que cá estamos, podíamos dar uma saltada ao casino.

– Com que dinheiro? Não temos despesas de representação e o Velho vai-nos cortar no ordenado – disse Sansenoy. – Além disso partimos a roda da quadriga na aterragem. Apressememo-nos a repará-la e regressemos de imediato, pois vamos ter água pela barba, assim que lhe fizermos o *Briefing*.

Lilith observava-os com um olhar divertido.

– Muito bem. Mandem-lhe saudades minhas, sim?

Desolados e algo preocupados os Três S levantaram-se e despediram-se, partindo de imediato em busca de um reboque que lhes levasse a quadriga para a ORMV (Oficina de Reparações do Mar Vermelho) especializada em reparações mágicas e por conseguinte bastante mais rápidas do que o habitual, ainda que dispendiosas.

Depois de um breve repasto à beira mar partiram de regresso ao Céu, antecipando a tempestade que iria abater-se sobre eles ao comunicarem os resultados da sua missão inglória.

Quinto Ato: Eva •





Reacções de *Maillard*

Charles Sangnoir

“As reacções de Maillard pertencem ao grupo das reacções de acastanhamento ou browning [...] responsáveis, por exemplo, pelo aroma do café torrado, pelo sabor da carne grelhada, pelo aroma do pão fresco acabado de cozer e do leite queimado, e pela cor dourada da cerveja.” - encontramos descrito em A Química e a Reologia no Processamento dos Alimentos da Editorial Piaget.

Existe uma interessante dicotomia presente nas reacções de Maillard que se estende a boa parte do ramo culinário e, em grande medida, à vida em geral: aquilo que é mais saboroso, apetitoso, interessante e intrincado raramente é o mais saudável. Fiquei verdadeiramente deliciado ao descobrir que existia uma designação científica para aquilo que mais aprecio na alimentação: o pedaço de torrada que carbonizou, o canto do assado que queimou,



o açúcar que caramelizou muito mais do que devia, pedaço de carne grelhada que ainda sabe a fumo, a cinzas, a chama.

Explica-me a minha cara metade - infinitamente mais entendida do que eu nos meandros da ciência - que este processo, tanto generosamente gerador de sabor como potencialmente cancerígeno, toma lugar quando aminoácidos ou proteínas e açúcares são aquecidos e na sua interação geram melanoidinas. Acredita-se que a reação de Maillard é em parte responsável pelo envelhecimento do organismo e pela criação de compostos cancerígenos - mas é inequívoca a sua capacidade para criar sabores inesquecíveis.

Nesta altura de grande celeuma socioeconómico, corremos todos o risco de pagar caro pela nossa atitude insonsa e insalubre. O nosso gosto pelo hábito, pelo conforto e pelo consumismo gratuito (que paradigma este!) leva-nos a questionar somenas vezes quais as intenções dos mestres de fantoche que comandam o nosso *habitat*. Vemos notícias de greves e manifestações, porventura também nós fazemos fila nas ruas, e gritamos palavras de ordem, tantas vezes com a eficácia de quem enche um balão furado. É importante compreender que a verdadeira mudança não se fará a partir do sofá, e que a próxima revolução não será de cravos mas de ferraduras. A política consumista está a celebrar as suas exéquias e não será Karl Marx quem nos salvará a partir da tumba. A verdadeira revolução, a arquetipal era de Aquário, não virá de modelos gastos e falecidos: virá sim do triunfo do individualismo inteligente. Não será senão quando todos soubermos gerir e emancipar a nossa vontade própria numa anarquia controlada ("Festim!" dirá Aires Ferreira) que a reviravolta terá lugar. Não estamos em Wall Street. Não estamos nos anos 20. Não estamos no estado novo. Sebastião não virá e o quinto império tarda.

A verdadeira felicidade surge ao concretizar a nossa vocação, em fazer o que nos apraz - se ao leitor lhe chega constituir família e usufruir de uma *aurea mediocritas*, é pois o que deve fazer - será perfeitamente legítimo e honrado. Se o que lhe dá festa é pintar as ruas de amarelo, força nisso. Se lhe apetece sair à rua e matar gente, cuidado. Uma visita ao hospital psiquiátrico poderá estar na ordem do dia para a sua agenda. O que efectivamente importa é que sejamos felizes - e atentos. Mais uma vez recordo que estamos a um passo de perdermos significativamente o domínio sobre as nossas

liberdades individuais. Não posso deixar de concordar com o David Soares quando indica que conhecemos muito pouco da nossa história. Parece nada termos aprendido com a experiência de 41 anos sob o jugo da repressão ditatorial. Não podemos permitir nova investida castradora, seja ela oriunda de forças políticas ou económicas.

Urge fazer pela vida, preterir o conforto desbotado de um condicionamento de Pavlov em favor de uma dinâmica interpessoal que nos permita crescer: como pessoas, como comunidades e então como nação.

Eu pensei mesmo que ia escrever sobre comida, mas pronto. Há coisas que mexem ainda mais com o estômago. No entanto, sublinho:

Muitas das coisas que mais aprecio são-me prejudiciais; muitas das minhas paixões são um risco: a minha decisão pessoal de viver exclusivamente da arte equivale a dançar uma valsa

com a morte à beira do precipício. Mas eu sou apologista das reacções de Maillard.

Cabe agora ao leitor, de espírito isento e tranquilo, tomar a sua decisão: é preferível uma existência sem sabor, ou o potencial risco de carbonizar o tutano da vida até à mais épica labareda? •

*Não podemos permitir
nova investida castradora,
seja ela oriunda de forças políticas
ou económicas.*





BILDERBERG

Realidade escondida?

Lupum



Não é de hoje, nem de ontem e com toda a certeza não será só do amanhã que existem ou existirão grupos/organizações/sociedades menos ou mais secretas.

Com as imensas teorias da conspiração a ganharem contornos de serem menos teoria e mais realidade, surgem então vários nomes conhecidos pela grande generalidade do público.

Todas estas sociedades têm fins mais ou menos de controlo! Controlar o quê? Quem? Como? Porquê?

Entre Skulls and Bones, KKK, Rosa-Cruzes, aparece-nos um grupo que é suspeito de manipular a estratégia de controlo mundial: O grupo Bilderberg!

Quem são? Quais são as suas origens e os seus propósitos?

Imaginem um clube onde homens e mulheres poderosos que, de vários locais, a nível mundial, decidem os destinos da humanidade. Hummmm...

Será isso possível? Estaremos nós e os nossos países subjugados ao poder de um grupo formado por homens poderosos?

Esta é uma certeza, eles estão cá para ficar e estão tão perto...

Este famoso e conhecido nome deriva do local onde foi efectuada a primeira reunião, datada de 1954 – O Hotel de Bilderberg em Oosterbeek, na Holanda.

Este grupo possui um quadro rotativo de associados constituído por poderosos banqueiros, políticos, economistas, empresários, membros de polícias secretas (como a CIA) e proprietários das maiores redes de comunicação, entre muitos outros. Esta ideia começou a ganhar contornos de real quando o conselheiro político Retinger a propôs. Ele preocupava-se com um crescimento anti Estados Unidos que ia surgindo um pouco por toda a Europa Ocidental. A sua ideia consistia, basicamente, em propor uma conferência, realizada a nível internacional que albergasse líderes de vários países europeus e líderes dos EUA com o propósito de promover uma discussão entre as culturas europeia e a dos EUA. Para atingir esse propósito abordou o então Príncipe Bernard da Holanda, que concordou em promover essa ideia em conjunto com o primeiro-ministro belga Paul Zeeland. A lista de convidados deveria então ser formada por dois participantes de cada país. Cria-se então, com o intuito de promover conferências anuais, um comité executivo, do qual Retinger foi indicado como secretário permanente.

Foi também criado um registo com

nomes e informações dos vários participantes, com vista a promover uma rede informal de pessoas onde pudesse existir uma comunicação privada, sempre que necessário.

Com a morte de Rättinger, o novo secretário permanente passa a ser o economista Ernst Beugel (professor, ministro e ainda presidente da companhia aérea KLM). O príncipe Bernard continuou como presidente destas conferências até 1976. Supostamente não existe qualquer registo de ter existido alguma reunião nesse ano. O que aconteceu foi o grande escândalo, que envolveu a gigante empresa Lockheed, onde se verificaram subornos para favorecer a empresa dos EUA nos contratos de aquisição de aviões F-104 Starfighter, em detrimento dos franceses Mirage 5.

Apesar disto, o grupo não desaparece ou tão pouco enfraquece, pois no ano seguinte voltam a reunir-se, desta vez, com o último membro da Casa dos Lordes que foi indicado para primeiro-ministro, pessoalmente, pela monarca Isabel II, o barão Alec Douglas-Home a assumir a presidência. Após isto aparecem-nos nomes influentes como Walter Scheel, ex-presidente da Alemanha, Eric Roll, ex-presidente do banco SG Warburg e Lord Carrington, ex-secretário-geral da NATO.

Ficamos neste ponto com uma brevíssima resenha histórica que dá para ver que é um grupo muito poderoso, certo?

Qual seria a intenção deste grupo tão poderoso? Sabe-se que o intuito inicial do grupo de Bilderberg era promover um consenso entre a Europa Ocidental e a América do Norte através de reuniões informais entre indivíduos poderosos. Já não parece tão difícil acreditar nisto, após termos pessoas assim tão influentes neste grupo.

Anualmente, o comité executivo recolhe uma lista com um máximo de 100 nomes com possíveis candidatos. Os convites são enviados somente a residentes da Europa e América do Norte.

A localização da reunião anual não é secreta, e a agenda e a lista de participantes são facilmente encontradas pelo público, mas os temas das reuniões são mantidos em segredo, com os participantes a comprometerem-se a não divulgar o teor das respectivas reuniões.

Este grupo alega, oficialmente, que

o sigilo previne que os temas discutidos estariam a salvo da manipulação pelos principais órgãos de imprensa e do repúdio generalizado que causaria na população.

Este sigilo é excelente, claro, pois permite aos diversos participantes falarem livremente e sem qualquer necessidade de ponderarem cuidadosamente as palavras escolhidas, pois não existem órgãos de comunicação ou população em geral para interpretar o que é dito. E por cá? Será assim tão desconhecida a rota portuguesa?

Não se pense que Portugal é alheio a este grupo, pois existem registos deste grupo ter-se reunido de 3 a 6 de Junho de 1999, no Caesar Park Hotel Penha Longa em Sintra. Mas calma... Já lá vamos! Um passo de cada vez em direcção ao objectivo!

Não será então de admirar que pessoas como Donald Rumsfeld ser um Bilderberger activo, assim como Peter Sutherland, da Irlanda, um ex-comissário da União Europeia e presidente do Goldman Sachs e British Petroleum.

Aliás, Rumsfeld e Sutherland compareceram juntos em 2000 na câmara da companhia de energia suíço-sueca ABB. A nossa jornalista Clara Ferreira Alves, o político e professor universitário Jorge Braga de Macedo e Francisco Pinto Balsemão são três exemplos portugueses. O ex-secretário de defesa dos Estados Unidos e actual presidente do Banco Mundial Paul Wolfowitz também é um membro, assim como Roger Boothe Jr. Neste momento o presidente do grupo é Etienne Davignon, empresário e político belga.

Perante isto posso acrescentar alguns factos curiosos, assim como algumas das teorias da conspiração.

Um semanário publicou, em exclusivo, a lista de portugueses que já estiveram nas reuniões deste autêntico governo sombra a nível mundial. Qualquer pessoa com acesso à Internet, poderá fazer uma pesquisa muito rápida, acerca dos portugueses envolvidos! É uma lista demasiado extensa para ser colocada neste artigo.

Qual o papel da Comunicação social? A comunicação social tenta não só saber quem participa nas reuniões mas, sobretudo, tenta acompanhar o seu percurso nos tempos seguintes e pasmem-se novamente: Quase todos, ascendem a altos postos (lógico – O poder está onde?).

Na reunião que teve lugar em Stresa, Milão, Santana Lopes e José Sócrates estiveram presentes, juntamente com Pinto Balsemão (membro permanente do Clube pertencendo mesmo ao comité restrito denominado “Steering”).



A ideia é a de fornecer, a cada país, uma constituição política e uma estrutura económica apropriadas e organizadas



Curiosamente, Santana seria primeiro-ministro dois meses depois e nem passaria um ano para José Sócrates chefiar o Governo. Conspiração? Teorias...

Outros três intervenientes na crise política de 2004, o Presidente da República, Jorge Sampaio, Durão Barroso, então primeiro-ministro e Ferro Rodrigues, então líder do PS, também estiveram em reuniões. Sampaio esteve presente em 1999, na reunião de Sintra... Provavelmente para comer uns pastéis?

Durão (que Henry Kissinger - membro do comité permanente, considerou, indiscutivelmente, o pior primeiro-ministro na recente história política mas que será o nosso homem na Europa, dis-

se) é um velho conhecido de Bilderberg, tendo estado presente nas reuniões, na qualidade de presidente da Comissão Europeia. Durão, o homem que aparece num vídeo que circula no youtube, a ser duramente (brinca-se com as palavras) criticado pelo falhanço do Euro e que se põe a mexer em papelada, como se não fosse nada com ele. Já Ferro esteve presente na reunião de 2003.

É irrelevante quem ocupa as cadeiras importantes desde que represente os interesses do "governo mundial", ou desta NOVA ORDEM MUNDIAL! Designação conhecida não é? Curioso...

Quais são então os planos deste grupo então?

A ideia é a de fornecer, a cada país, uma constituição política e uma estrutura económica apropriadas e organizadas com os seguintes propósitos:

- Colocar o poder político nas mãos de pessoas escolhidas a dedo e eliminar os intermediários.

- Estabelecer uma concentração máxima das indústrias e suprimir toda a competição indesejada.

- Estabelecer um controlo absoluto sobre os preços de todos os bens e matérias-primas. (Algo que a Bilderberg torna possível através do seu controlo férreo sobre os Banco Mundial, FMI e a Organização Mundial do Comércio)

- Criar instituições judiciais e sociais que previnam qualquer tipo de acção

vinda dos extremos.

Estas ideias serão tão descabidas? Não estaremos nós já a assistir a algumas delas?

Apesar dos participantes insistirem que a sua participação é como um cidadão privado, essa qualidade mantém-se dúbia!

Existe uma deliberação da Chatham House e a Lei Logan, nos Estados Unidos, que considera completamente ilegal representantes eleitos encontrarem-se privadamente com empresários influentes para serem debatidas e concebidas políticas públicas. Percebe-se porquê!!!!

Estas reuniões terão então de seguir um protocolo tradicional, fundado em 1919 no seguimento da Conferência de Paz de Paris, levada a cabo em Versalhes pelo Real Instituto de Negócios Internacionais (RINI) com sede na Chatham House, Londres.

Embora o nome Chatham House seja normalmente utilizado quando se refere ao instituto, o RINI é o braço executivo da monarquia britânica no que diz respeito aos negócios estrangeiros.

De acordo com as normas do RINI, "quando uma reunião, ou parte dela, decorre ao abrigo da Chatham House, os participantes têm a liberdade de utilizar a informação recebida mas não podem ser reveladas nem a identidade ou a filiação do(s) orador(es), nem as de





qualquer outro participante; nem pode ser mencionada que informação foi recebida no decorrer de uma reunião do Instituto.”

A Lei Logan foi criada com a intenção de proibir os cidadãos dos Estados Unidos, sem autoridade relevante, de interferirem nas relações entre os Estados Unidos e governos estrangeiros. Mas alguém conhece algum cidadão condenado ao abrigo de alguma das Leis? E no entanto desafiam essas leis, anualmente (pelos menos).

Destas reuniões saem objectivos e soluções concretas para serem postas em prática. A título de exemplo e segundo Daniel Estulin, autor do livro O Clube de Bilderberg foram apresentadas conclusões relativamente à reunião de 2007, entre elas:

“Os assuntos com os quais estamos a lidar tratam da fúria dos bilderbergers europeus devido à mudança de Bush no que diz respeito à temática climática, a próxima reunião do G8 em Heilighendamm, na Alemanha, na qual Merkel e os seus aliados da Bilderberg europeia se irão posicionar como verdadeiros líderes no que diz respeito ao ambiente.”

“Os bilderbergers europeus manifestaram-se incomodados por a reunião Bilderberg pré-G8 não ter conseguido resolver e conciliar pontos de vista contraditórios sobre este assunto.”

“Como foi referido por um participante alemão, “Isto requer actos de acrobacia diplomática, algo que infelizmente não abunda nada na actual administração dos EUA.””

“Outra grande preocupação tanto para os bilderbergers americanos e europeus é o actual músculo da Rússia que se encontra a vergar a questão energética.”

“A licença TNK-BP é apenas um dos muitos sinais que andam a enfurecer a elite global. Após anos de estagnação económica, afirmou um bilderberger americano, “A Rússia está a mover-se contra as ideologias e políticas unipolares, contra as suas manifestações e maquinações ressurgidas recentemente, e contra os instrumentos da sua perpetuação, tais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).””

“Por fim, preparem-se para a nova frase do léxico da realpolitik que dentro em breve terá a sua festa de estreia – “consumo sustentável”, para definir uma aproximação mais humana ao aquecimento global.”

Posso concluir que algumas das ideias estão certas, não?



Senão vejamos um excerto de uma entrevista a um semanário, por Estulin:

“Portugal recebeu, em 1999, uma primeira reunião de Bilderberg, que

teve lugar em Sintra. O que foi aí discutido? Um dos itens principais teve a ver com o comércio de ouro e a posição da Inglaterra na União Europeia. Em Sintra os bilderbergers decidiram castigar a Inglaterra pela sua contínua resistência em relação ao espírito federal europeu.

O método que estavam preparados a utilizar contra os inocentes britânicos seria o de um ataque frontal ao comércio de barras de ouro. Um grupo restrito de Bilderberg, onde estavam Rockefeller, Kissinger, Victor Halberstadt, professor de economia da Universidade de Leiden, Etienne Davignon e Umberto Agnelli, reuniu-se com os governadores dos Bancos Centrais da Europa. A seguir à reunião de Sintra, a maioria dos Bancos Centrais, em Setembro de 1999, fizeram uma surpreendente declaração em que estariam a adiar, por cinco anos, o dumping de ouro, que previamente teriam feito, supostamente porque já não gostavam de ter ouro nas suas reservas. O anúncio causou uma tendência de subida nas barras de ouro. O Banco de Inglaterra organizou um leilão de ouro de algumas supostas reservas. O mais impressionante para alguns de nós, não familiarizados com o comércio do ouro e a sua realidade, é que, na realidade, uma barra de ouro quase nunca é comercializada. Dessa forma o Banco de Inglaterra estaria a oferecer ouro “teórico” (apenas em papel), não o verdadeiro ouro que tinha em sua posse. Quando o bilderberger George Soros descobriu, lançou um ataque ao Banco de Inglaterra, causando que o preço do ouro aumentasse para quase 330 dólares a onça.”

Segundo Daniel Estulin, o livro que conta muitos esquemas e que oferece muita informação estaria a ser perseguido e censurado em Portugal: “Têm


***distorção grosseira
da verdade e a manipulação sistemática de todas as fontes de informação (...)
constituem uma parte integral da estratégia de guerra total...***


medo que este se torne num fenómeno mundial. De facto, está a tornar-se num fenómeno mundial, uma vez que foi editado em 28 países e em 21 línguas”.

Mais: o livro foi retirado das lojas FNAC, por solicitação do governo português e não sei se ainda se encontra “Off” ou não.

As vozes críticas, dos que fazem notar que as dívidas estão numa espiral fora de controlo, que o bem estar é roubado às pessoas simples, pelas corporações sem rosto, que milhões morrem como resultado do peso global desmedido das estratégias económicas de Rockefeller/Rothschild, são banidas, silenciosamente. Basta uma pequena pesquisa acerca destes dois nomes Rockefeller/Rothschild para poderem identificar diversas teorias destas duas poderosas famílias.

Entretanto, prossegue a “Campanha de Medo e Desinformação”, a distorção grosseira da verdade e a manipulação sistemática de todas as fontes de informação, que constituem uma parte integral da estratégia de guerra total, de dominação pelo mundo. Bombardamentos de notícias sobre a gripe das aves, sobre terrorismo, etc...

A componente mais poderosa da Campanha de Medo e Desinformação pertence à CIA, a qual subsidia, secretamente, autores, jornalistas e críticos por intermédio de uma rede de fundações privadas e organizações... Quais serão então e como serão feitas todas estas ligações entre a CIA, Bilderberg e vice-versa. Quem domina a CIA? Quais os governos, do mundo, que controlam directamente ou indirectamente as grandes embarcações que rumam a estes portos ansiosos?

Quem são os rostos escondidos deste grupo de governo fantasma?

Existirão alguns mecanismos de responsabilização dos políticos? Pelo menos por cá, já vimos que isso não acontece!

Teria então este clube formado pelas maiores fortunas e as personalidades poderosas do planeta, promovido a ascensão dos Beatles, como forma de controlo da emergente crise social? Teria feito eclodir o caso Watergate e agido com firmeza para definir o resultado de eleições norte-americanas? Teriam eles planeado o 11 de Setembro? Existem teorias que sustentam isto como se de um dogma se tratasse. E vós? O que acham? Seremos nós fantoches controlados pelas luvas negras deste grupo?

Caminho seguro de mim mesmo, caminho com certezas. Muitas? Poucas? Certezas. Quanto ao resto... Presente, passado e futuro que aguardam por outras páginas... Veremos! •



**O Triunfo
do Terror Fantástico
na Sociedade Moderna**

Flávio Gonçalves



Na minha infância as fontes de entretenimento de género terror fantástico não eram coisa abundante, na anual feira do livro encontravam-se obras de Edgar Allan Poe, Stephen King e Bram Stoker, havia somente um canal de televisão pública e, nas ilhas, a televisão por cabo é uma novidade que nem tem uma década, sobravam os clubes de vídeo para abastecer a sede de sangue da juventude intelectualmente mais ousada.

Hoje em dia o cenário é radicalmente diferente, os vampiros parecem saídos de novelas adolescentes como a *Morangos Com Açúcar*, os monstros, fantasmas e extraterrestres estão em todos os canais de televisão e mensalmente estreia pelo menos um filme de terror fantástico (omito aqui o terror realista dos psicopatas, canibais, assassinos em série e outra tretas, que nem deviam ser catalogadas como terror e cujas cartazes publicitários, capas de DVD e sinopses induzem, quíça intencionalmente, em erro).

Não sei até que ponto a disseminação do terror fantástico na grande tela e no pequeno ecrã é realmente um triunfo ou um mero reflexo da banalidade do horrendo e do maléfico na sociedade moderna! Embora me agrade chegar a casa depois de um dia perdido na inutilidade do trabalho necessário para entregar o ordenado no final do mês, quase na sua totalidade, à casa que arrendei ao banco na ilusão de que a estava a comprar, esticar-me no sofá, sorver uma bebida gaseificada, fritar um balde de pipocas e deliciar-me, por vezes durante horas a fio, com as inúmeras séries e filmes de terror disponíveis, até que ponto o público em geral se aperceberá da genialidade necessária para criar um novo mundo de raiz? Fazer nascer no papel criaturas dignas dos piores pesadelos?

É certo que ainda perco muitas horas a ler obras de terror fantástico, quase o mesmo número que as que perco a assistir a séries do mesmo género. Curiosamente, o *boom* de séries e filmes de terror não parece ter feito muito para impulsionar um novo fluxo de revistas, álbuns de banda desenhada ou livros do género (coisa que sucedeu também com a ficção científica), ao contrário da fantasia heróica ou épica, que desde o sucesso de *O Senhor dos Anéis* deu origem a um oceano de livros e novos autores, inclusive em Portugal.

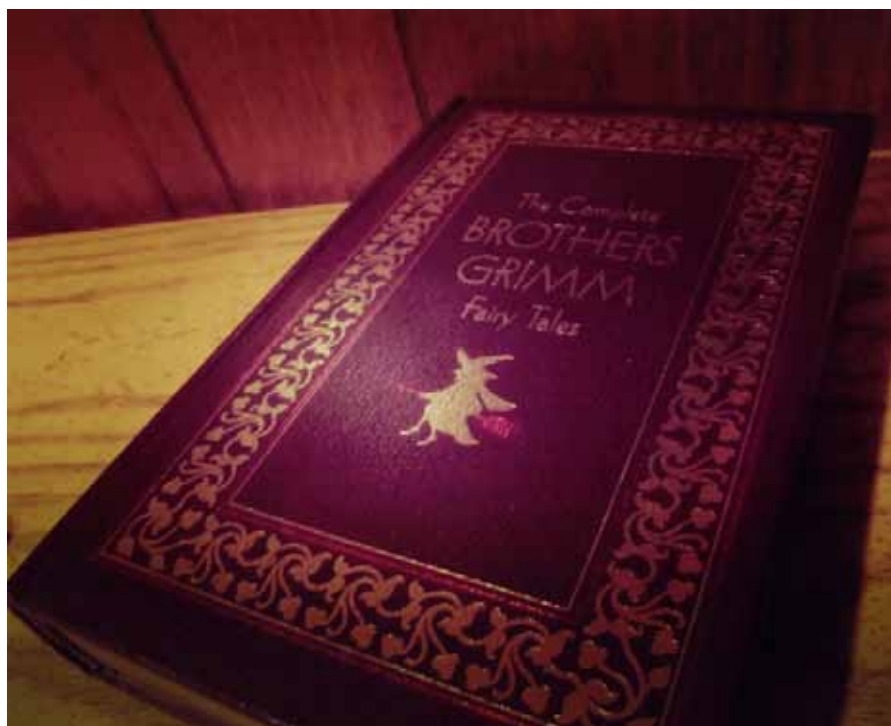
Nesse campo o terror fantástico não tem tido grande sorte, salvo o ocasional livro de vampiros cor-de-rosa dignos da acima referida *Morangos Com Açúcar*, o seu triunfo televisivo e cinematográfico tem deixado muito a desejar a nível de um novo impulso criativo, se é verdade que isso sempre poupa uns bons milhões de árvores que se safam assim do nobre destino de se verem transformadas em pasta de papel, leva-nos também a pensar que talvez estejamos perante a banalização do horrendo e do mal, dada a falta de impulso criativo que devia ter surgido.

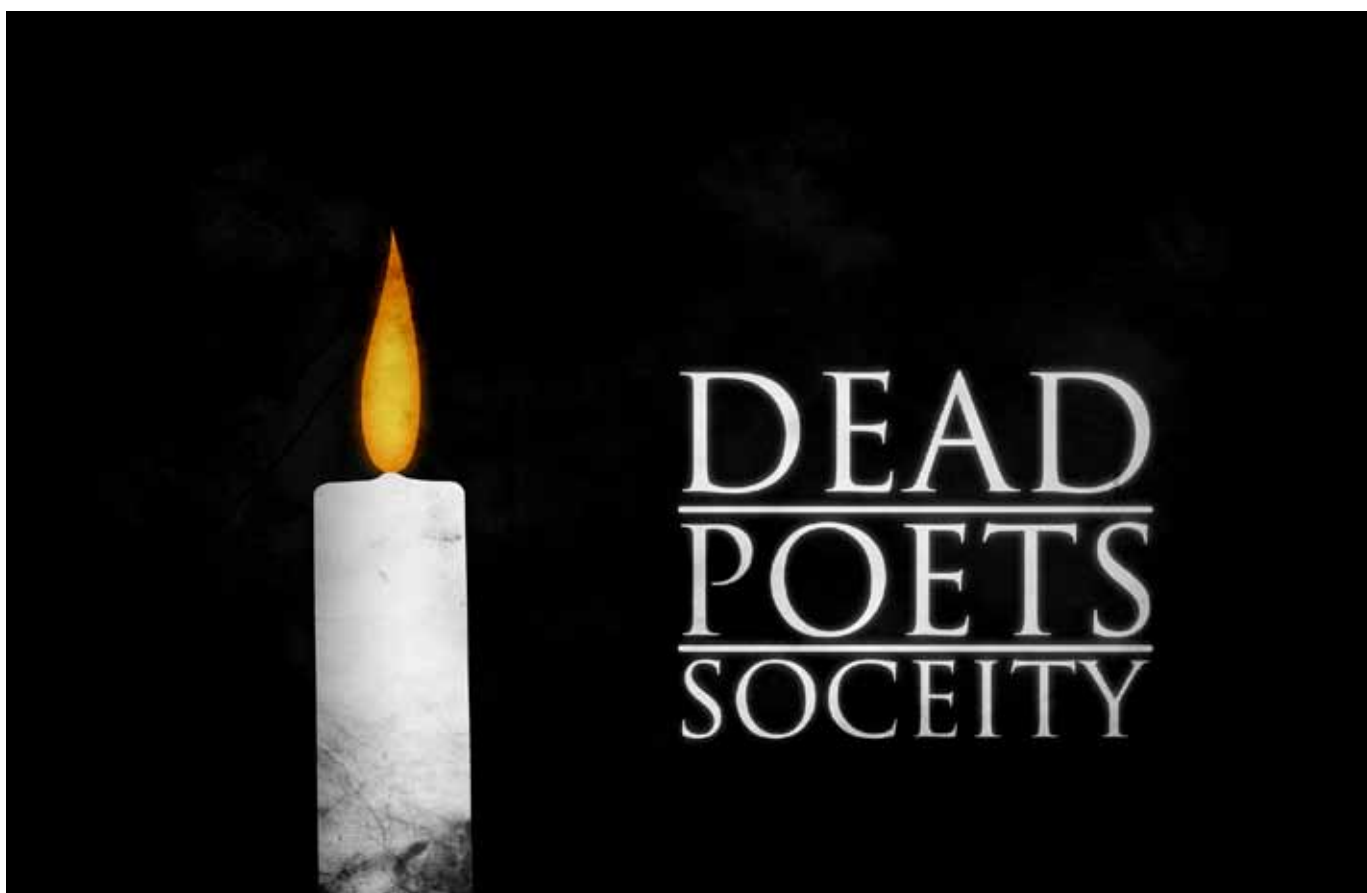
Se outrora o género literário e o cinema de terror fantástico nos levavam a exercitar a imaginação, cogitando novos mundos e criaturas, actualmente o dilúvio de séries e filmes hollywoodescos têm por função exactamente o oposto: servem para entor-

pecer os sentidos, para nos anestesiar a mente da consciência de uma existência mais miserável que a das vítimas dos milhentos monstros criados pela imaginação humana ao longo dos séculos, e em abono da verdade já nem nos chocam, tão enfartados estamos do sangue, morte e destruição a que assistimos impavidamente nos telejornais ou que lemos, entre um bocejo e um *croissant* de chocolate, uma bica e um pastel de nata, no balcão do café.

Os vampiros das televisões fazem com que não nos recordemos dos vampiros da Banca que nos sangram os bolsos, os lobisomens distraem-nos dos governantes psicopatas e imbecis que nos devoram os cérebros vivos incutindo-nos sentimentos de culpa, fazendo com que nos esqueçamos que foram eles que pediram empréstimos multimilionários e gastaram dinheiro a jorros, em putas e em amantes de todas as idades e feitios, em todos os luxos e excessos a que se achavam de direito. O triunfo do terror fantástico na sociedade moderna serve apenas para nos abstrair da terrível realidade do dia a dia, escravizados e atormentados por bestas e monstruosidades que não há estaca de madeira, bala de prata ou arma que os possam abater.

Quem sabe, no meio de tanta miséria, a conta da cabo não se torne um jugo demasiado grande, que não nos reste senão a boa e velha literatura, o conforto de um livro lido noite dentro... •





“Oh Captain! My Captain!”

Naive

Dead Poets Society é, como toda a gente sabe, um afamado filme norte-americano de 1989, escrito por Tom Schulman e realizado por Peter Weir, que no elenco principal conta com Robin Williams (numa das melhores interpretações da sua carreira), Robert Sean Leonard, Ethan Hawke, entre outros. A “reputação” deste filme fala por ele, não vejo por isso necessidade de narrar os seus acontecimentos, que serão familiares a muitos dos que lêem este texto, mas caso ainda haja alguém suficientemente “alienígena” para não ter visto o Dead Poets Society, resta-me aconselhar vivamente uma descida à terra para 128 minutos de puro deleite para a mente e para a alma...! Dead Poets Society influenciou o mundo artístico e social, marcou uma época, e continua ainda a marcar a consciência de muita gente, cada um falará por si... a mim, pessoalmente, foi uma obra cinematográfica que me marcou para toda a vida e influenciou grandemente o meu mundo interior. Disso posso falar com toda a certeza, não me custasse a encontrar palavras para definir o que esse filme

significa para mim. Há obras de arte que dispensam comentários, críticas, análises profundas, o extase silencioso da sua contemplação talvez seja o melhor tributo que lhes podemos prestar, e Dead Poets Society é definitivamente um desses casos. Até apetece ter memória de peixe para contemplar repetidas vezes a mesma obra, e sentir sempre o deslumbramento e excitação da primeira vez...!

A Dead Poets Society não conspirava nada a não ser a própria liberdade de espírito e de expressão de cada individualidade a si pertencente, não evocava nada a não ser os desejos, sonhos, instintos pessoais e criativos de cada um dos seus membros, inspirados pela sabedoria e irreverência de um docente, John Keating, e pelo legado de grandes vultos da Literatura, como Walt Whitman, Henry David Thoreau, Lord Byron, Robert Herrick, Horácio, Robert Frost, entre outros, tentando assim romper com a linha de ensino autoritária de um colégio privado que

orientava os seus alunos para quatro supostos pilares de sustentação de um indivíduo na sociedade: tradição, honra, disciplina e excelência.

Não que estes sejam maus valores, quando partem do próprio indivíduo. Todos temos as nossas tradições, rotinas, rituais ou que lhe queiramos chamar, assim como a nossa honra e orgulho pessoais, e alguma disciplina também nos faz falta para nos aperfeiçoarmos e atingirmos algum nível de excelência naquilo que fazemos... O Problema está em quando tentam definir isso por nós, coisa que a sociedade, enquanto efeito de pressão colectiva, constantemente faz, ao tentar impingir-nos os seus modelos de sucesso, realização e felicidade pessoais, os quais vulgarmente assentam no estatuto de um título académico, uma profissão rentável, conta bancária recheada, avultados bens materiais, um casamento que aparente ser feliz, filhos a quem não falte nada, a não ser



o precioso tempo dos pais dispendido em coisas mais importantes! Socialmente uma família não precisa de ser harmoniosa, tem é de parecê-lo para o exterior!

O Colégio de que falamos, por si só, apenas serve de ensaio preparativo para o que nos pode esperar na sociedade, na qual é preciso pulso firme e uma certa formatação para se vingar na mesma a um nível elevado. As doutrinas de ensino são discutíveis, mas são inumeráveis os casos de génios da humanidade submetidos ao mesmo nível de rigidez educativa da Academia Welton, que em virtude também dessa austeridade e privação se transcenderam, inovaram e revolucionaram muitas áreas artísticas. Talvez se possa então entender por esses casos que o sofrimento acaba sempre por moldar também um pouco a génese da própria genialidade.

Não foi o caso do jovem Neil Perry, cuja tragédia, metaforicamente, ilustra a morte cerebral e espiritual a que o contexto social nos tenta votar diariamente, quando o cerco aperta de todos os lados (família, sociedade, sobrevivência...) assombrando os nossos sonhos, tentando convencer-nos que eles não valem a pena, são meras ilusões da mente e da alma, e que um dia havemos de cair na "realidade", pensar objectivamente, racionalizar tudo e "agir com os pés bem assentes na terra", e no fim disto tudo quando dermos por nós, temos até medo de saltar, quanto mais

de bater as asas e ensaiar um voo para longe do rebanho onde estamos mais "aconchegados", depois da grande máquina social nos ordenhar a energia vital, devorar a nossa carne, roer os nossos ossos, e nos despejar para uma valeta qualquer onde haja alguém que nos drogue e nos ature até as larvas nos devorarem e darmos lugar à próxima vítima!

Eh lá, que fatídico! E não é? *"Um homem não morre quando deixa de existir, mas sim quando deixa de sonhar"*! Há de haver muito filósofo que não acredite nisto e tenha teorias muito bem elaboradas para não acreditar nisto... Eu acredito. Nós nascemos e crescemos a sonhar, todo o mundo é para nós uma experiência fantástica! Que fazem as crianças senão sonhar permanentemente? Era giro ver um desses intelectuais a explicar a uma criança de 5 anos que o Pai Natal não existe, não há elfos nenhuns e as renas não voam, e que tudo não passa de uma lenda que virou o produto publicitário mais vendável de sempre, com uma breve explicação do que é o *Marketing* pelo meio (!)... Ou que nunca vão ser príncipes nem princesas porque vivemos na merda de uma república, e já agora uma pequena palestra sobre a génese da democracia e dos estados de direito (!)... Ah e convinha não se esquecer de dizer que os animais das histórias infantis não falam verdadeiramente, e depois é enfiar-lhe na mona o que é o

raio de uma personificação(!)... Nem ninguém vive feliz para sempre, isso é que era bom, convém para isso também explicar-lhe o processo de envelhecimento e todas as doenças que está sujeita a apanhar pelo meio da vida antes de ir com o car...! Já agora ensine-se-lhe as asneiras, que vão aprendê-las de qualquer maneira!

O que o estigma social faz a quem sonha e apregoa o sonho é um pouco o que acabou por acontecer ao professor, John Keating, afastado do cargo, despedido pelas suas ideias revolucionárias de ensino e métodos motivacionais dos seus alunos, aos quais "simplesmente" ensinou a arte do *Carpe Diem*, de aproveitarem o dia, o momento, de sonharem e darem asas a essa imaginação, quebrando com as condutas sociais inibidoras e padrões de comportamento pré-estabelecidos.

"Fui à Floresta, porque queria viver profundamente... e sugar a essência da vida! Eliminar tudo o que não era vida...e não ao morrer, descobrir, que eu não vivi."
Henry David Thoreau.

Era isso, simplesmente, o que faziam os jovens da *Dead Poets Society* nas suas reuniões secretas na gruta do bosque... e ainda hoje é dia que me emociono com a cena final do filme, Verdadeiramente Intemporal: *"O Captain! My Captain!"* •



The background of the cover is white, heavily textured with black ink splatters and blotches of varying sizes. A large, dark, irregular ink blot is centered in the upper half. Several thin, horizontal black lines with small dots at intervals run across the middle of the cover.

CASANOVA

Breve história
de uma grande vida

José Macedo Silva



Giacomo Casanova foi um dos indivíduos mais marcantes, controversos, excêntricos e cativantes do século XVIII. Mas, se para uns foi um fanfarrão, para outros foi um amante perfeito, outros tantos consideram-no génio, e, até mesmo burlão.

E para mim? O que importa o que eu acho? Mas se alguma coisa importar aqui fica: um homem ímpar e extraordinário, e subscrevo sem reticências a primeira frase deste artigo até ao seu ponto final. Claro, que como eu e todos nós com defeitos e virtudes. Em determinados momentos mais virtuoso, aqui e ali se permitiu banhar nos defeitos, mas, como homem, e indivíduo, experimentou sem o saber (!) uma das máximas da nossa filosofia de vida, como geralmente remata Lurker a introdução à edição conjunta d'*A Bíblia Satânica* entre a *HellOutro* e a *Saída de Emergência*: o quanto é fundamental percorrermos, tendo sucesso ou não o nosso percurso, e Casanova soube escolher sempre o seu percurso.

Em Casanova o percurso foi sempre claro, nunca dependendo da opinião de terceiros, imerso pela escolha própria, algo sempre subjectivo: fez e perdeu fortunas, escreveu livros e memórias espalhadas por três mil e seiscentas páginas, fundou lotarias, namorou entre outras mulheres Bettina Gozzi, Teresa Imer, Nanetta, Marta Savorgnan, Donna Lucrezia, Angiola Calori ("*Bellino*"), Henriette, Caterina Capretta e Leonilda, e teve encontros amorosos com dúzias de mulheres e alguns homens, também. Apesar dos dois séculos de má fama, sabemos hoje o quanto a humanidade lhe deve, pois, Casanova produziu um estudo exaustivo do século XVIII.

A sua obra-prima *História da Minha Vida*, publicada pela primeira vez em 1822, reflecte não só toda uma época, mas também, e lá está - o indivíduo - ele próprio; para Giacomo Casanova, ele mesmo a peça mais revolucionária de todas nos tempos conturbados do iluminismo e das revoluções científicas, industriais, sociais, políticas e artísticas; e o sexo inclusive, que graças a este

veneziano mudamos a maneira como pensamos e escrevemos sobre este aspecto mais sagrado da Humanidade. Em suma, quem foi Casanova?

Resposta pobre e perigosa, mas dotada de alguma clarividência, este erudito e conterrâneo de Voltaire foi actor, amante, espião e, imagine-se, quase padre. Passou grande parte da sua vida em viagens pela Europa fora, sempre irrequieto e agitado, como um soberbo camaleão social, um perfeito retrato da selecção natural: "*O homem capaz de fazer fortuna em Roma deve ser um camaleão. Tem de ser insinuante, impenetrável, amável, por vezes humilde, ostensivamente sincero, fingindo sempre saber menos do que sabe, com domínio absoluto da sua expressão, e frio como o gelo. Se detesta o fingimento, deve deixar Roma e procurar fortuna em Londres*" (Casanova), e, a propósito disto recordemos o retrato, muito embora em certa medida me pareça um pouco fictício e exagerado, do *abbé Chiari*.

"É um dândi, cheio de si, inchado de vaidade como um balão e girando por aí como uma azenha. Tem de meter o nariz em tudo, fazendo a corte a todas as mulheres, agarrando todas as oportunidades para ter algum dinheiro nas mãos, ou utilizando as suas conquistas como uma escada para o êxito social. Faz de alquimista com avarentos, de poeta com mulheres belas, e de político com pessoas importantes - quer agradar a tudo e a todos, mas para alguém com um pouco de senso só se torna ridículo".

Que homem mais fascinante poderíamos estudar? Pois, compreende-lo é compreender toda uma época. Ele não se diluiu na mesma, arrisco-me a dizer que ele contribuiu para o bem e para o mal, para a sua construção, e não só, para as épocas seguintes, inclusive. Giacomo Casanova foi uma das personagens mais cativantes e controversas, não só do seu tempo mas de qualquer outro, pois o mundo e a maneira como nos vemos nele - pós-Casanova - nunca mais seriam os mesmos, e como disse F.W. Barthold, em 1846: "*As memórias de Casanova constituem a imagem mais completa do século que precedeu a revolução francesa, e um espelho da vida - os segredos mais íntimos da vida do homem e de uma era*". Nem mais, com isto quase podia epilogar o artigo, mas, o homem e a personagem exigem mais, e, resumindo o quanto possível, uma vez que seriam necessárias algumas centenas de páginas, e tendo como base de apoio a sua obra-prima acima referida, aqui fica uma breve história de uma grande vida.

Casanova nasceu em Veneza em 02 de Abril de 1725, filho de uma família

destituída de títulos e pobre. A sua mãe era a actriz Zanetta Farussi, sobre o pai, perpetuou-se uma dúvida especulativa até aos dias de hoje, pois a eloquente actriz, conhecida como La Buranella recebia os avanços dos mais variados tipos de homens, entre eles o dramaturgo Carlo Goldoni e o empresário teatral veneziano Giuseppe Imer, recebendo Giacomo o apelido do marido de Zanetta, o actor Gaetano Casanova.

Em 02 de Abril de 1734, com nove anos portanto, Casanova deixou Veneza pela primeira vez, acompanhado pela mãe, pelo tio *abate* Grimaldi, e pelo escritor e poeta, o lascivo Baffo, rumo à cidade de Pádua.

Em Pádua foi aluno do *abate* Antonio Maria Gozzi, professor, violinista e padre. Gozzi tornou-se no tutor ideal para o jovem intelectual de nove anos. O tutor facultou-lhe a instrução básica, depois Casanova ingressou na Universidade e assim se transformou no feliz erudito que chegou até nós. Como costumava referir: "*Foram os aplausos... e a glória literária que me colocaram no pináculo da felicidade*".

Em muito pouco tempo, em menos de um ano, o pobre rapaz de Veneza, antes considerado um perfeito idiota, transformara-se num comedor de sabedoria, um omnívoro intelectual, nas palavras de Ian Kelly, um dos seus principais biógrafos. Reza a história que, certo dia, na presença de um convidado, admirador de sua mãe, foi provocado pelo estrangeiro com um enigma lascivo:

— Ensinai-nos, gramáticos, porque é que cummus (vagina) é um substantivo masculino

— E porque é que mentula (pénis) é feminino?

Casanova à altura do acontecimento respondeu:

— É porque o escravo toma o seu nome a partir do mestre.

Em 1739 regressa a Veneza para ser tonsurado e receber as quatro ordens sacro menores, bem diferente da criança que anos antes partira para Pádua; era alto, culto, inteligente e bem educado.

Tinha duas candidatas óbvias para o namoro: Angela, a sobrinha do padre Tosello, padre que o recebera aquando do seu regresso de Pádua em 1739, e Lucia, uma criada que conheceu no Veneto, e que lhe deu a entender que com toda a alegria o faria perder a virgindade, mas, seriam as duas amigas de Angela, as irmãs Savorgnan, que levariam Casanova para debaixo dos lençóis da cama que partilhavam, tinha ele dezasseis anos.

"Diziam que como eu era inteligente,



Casanova tornou-se adepto das viagens. As suas memórias estão atulhadas de referências aos pormenores concretos e às duras realidades, do facto de se viajar no século XVIII

não poderia deixar de saber o que duas raparigas que eram boas amigas faziam quando estavam juntas na cama.”(Casanova)

Em 1743 abandona a vida de seminarista, não correspondendo ao desejo de sua mãe vê-lo ordenado padre: *“Finalmente abandonei a Igreja a favor do exército, partindo do princípio de que um uniforme era mais lisonjeiro do que uma coleira de cão.”(Casanova)*

Em 1749 conheceu uma tal de Henriette, provavelmente o amor de sua vida, apaixonaram-se, mas após três meses separaram-se a pedido da própria. Casanova foi muito feliz na sua presença: *“Aqueles que acreditam que uma mulher é incapaz de fazer um homem feliz nas vinte e quatro horas de um dia nunca conheceram uma Henriette...É impossível conceber a dimensão da minha felicidade.”* Ao contrário do que Henriette julgara Casanova nunca a esqueceu: *“Quando penso no que me faz feliz na minha idade avançada, é a presença da minha memória, e concluo que a minha vida deve ter sido mais*

feliz do que infeliz...e felicito-me...Não, nunca a esqueci, e é um bálsamo para a minha alma cada vez que a recordo.”

Casanova tornou-se adepto das viagens. As suas memórias estão atulhadas de referências aos pormenores concretos e às duras realidades, do facto de se viajar no século XVIII, com estradas inóspitas e perigosas, cheias de ladrões em cada curva, e nunca se sabia ao certo quanto tempo poderia durar uma viagem: *“Sinto prazer simplesmente em estudar a humanidade enquanto viajo”* (Casanova). Mas onde tudo podia acontecer, inesperados prazeres esperavam o viajante, bem como *affairs* sexuais: *“Era a quarta aventura sexual deste género que tinha tido, o que não era invulgar, se um homem viajava sozinho e numa carruagem alugada”*. (Casanova)

Casanova, foi preso, em Veneza, na madrugada de 26 de Julho de 1755, suspeito da Inquisição, sob a acusação de levar uma vida boémia, dissoluta, possuir livros proibidos e de fazer propaganda anti-religiosa. Foi condenado a cinco anos de prisão, num espaço apertado: uma cela forrada a madeira de lariço, com cerca de dois metros e meio por três, mas só com um metro e meio de altura, tremendamente pequena para um homem de quase um metro e noventa de altura: *“Compreendi que tinha ido parar a um lugar onde o falso parecia verdadeiro e a realidade uma espécie de sonho mau; onde o espírito parece perder as suas capacidades, e uma imaginação deformada pode tornar uma pessoa vítima ou de uma espécie quimérica ou de um terrível desespero.”* (Casanova)

Em 25 de Agosto de 1756, foi informado de que seria transferido para outra cela ao lado do quarto dos guardas prisionais. Casanova ficou desesperado, porque planeava há já algum tempo a construção de um buraco por onde pensava evadir-se, e viu-se novamente lançado nos braços mais negros da solidão: *“Um homem encarcerado completamente sozinho, num sítio onde lhe é impossível fazer seja o que for, isolado, quase em total escuridão, onde não vê nada nem pode ver nada...nem endireitar-se...deseja o Inferno, se nele acreditar, apenas para ter companhia...É a solidão que leva os homens ao desespero.”* (Casanova)

Mas, com um companheiro de prisão, o abate Balbi, planeia uma nova evasão, esta com sucesso, no dia 01 de Novembro de 1756. Andou uma semana em fuga, até que, finalmente, montado num burro que pedira emprestado num estábulo em que dormira, atravessou a fronteira veneziana em La Scala, perto



de Brenta, para não regressar à sua terra natal nos dezoito anos seguintes.

Foge para Paris, e em poucos meses, Casanova já se tinha reinventado como elemento indispensável da cena social parisiense. Os anos que passara em Paris iriam figurar entre os mais fascinantes, mergulhado nos salões eruditos e bibliotecas, tornou-se enciclopedista como Diderot e D'Alembert, e trocou correspondência com o maior literato francês da época, Voltaire. A comprová-lo, veja-se aqui, o intelectual-amante-e tema central deste artigo descrito por uma veneziana que o conhecia: "*Casanova tem uma carruagem de lacaios, e veste-se de forma resplandecente. Tem dois belos anéis de diamantes, dois refinados relógios de bolso, caixas de rapé incrustadas de ouro, e sempre muitas rendas. Conquistou o acesso, não sei como, à melhor sociedade parisiense. Tem interesses numa lotaria de Paris e gaba-se de que isso lhe traz um grande lucro. É muito cheio de si e estupidamente pomposo. Em resumo, é insuportável. Excepto quando fala da sua fuga, que narra de uma forma admirável.*"

Entre 1769 e 1772 escreve, respectivamente, as obras *Confutazione della storia del governo Veneto d'Amelot de la*

Houssaie e Lana Caprina.

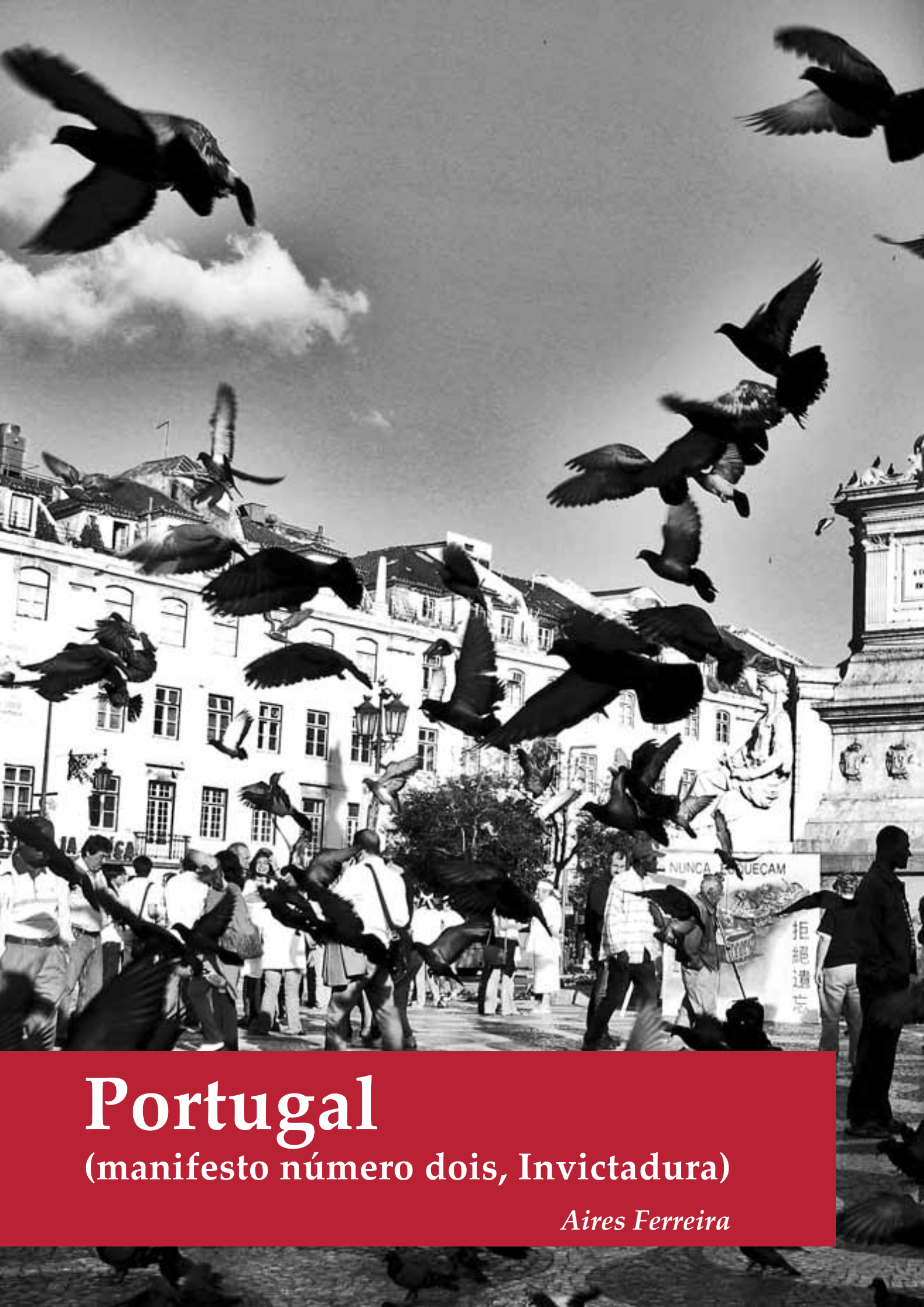
Em 1774 regressa a Veneza. Escreve *Istoria della turbulenza della Polonia* e uma tradução moderna da *Ilíada* em 1775, e em 1776 aceitou trabalhar, ironicamente, para a instituição que o acusara dezoito anos antes, a Inquisição, fazendo parte da sua rede de informadores civis. A sua reputação de vagabundo e jogador internacional, impediu os venezianos de o levarem a sério, como ele desejava e merecia. Amargo abandona Veneza em 1783 para nunca mais voltar.

Foi de Veneza a Trieste, depois Viena, Bolzano e Innsbruck, Augsburg, Frankfurt, Aix-la-Chapelle, Spa, Haia, Roterdão, Antuérpia, e velho demais para estas coisas chega novamente a Paris. Em 1784 parte para Viena, e reencontra um velho amigo da vida sem fronteiras, um libertino notável e renegado veneziano como ele, Lorenzo da Ponte. Casanova colabora na obra-prima de Da Ponte, o libreto para *Don Giovanni* de Mozart.

Entre 1787 e 1798, escreve as obras *Histoire de ma fuite de prisons de la République de Venise* (1788), *Isocameron* (1788),

Solution du problème déliaque (1790) e vive no Castelo de Dux, uma cidade no distrito de Teplice, na actual República Checa, como bibliotecário do conde Joseph Charles de Waldstein. Ali vem a falecer em 04 de Junho de 1798.

Muito ficou por contar acerca de Casanova e da sua fantástica vida, por exemplo: a sua vida em Londres e na Rússia, pormenorizar exaustivamente o namoro com Henriette, o amor de sua vida, as conversas mantidas com Voltaire, etc, etc, etc. E, que me desculpem Mosath, Lurker, e todos os "*irmãos na fé*" pela seguinte insolência: pudéssemos nós bradar, num acervo de raiva, até sofrermos uma pontada na base do pulmão, seja em que situação for das nossas vidas, perante os problemas das mais variadas espécies: "*Nunca fui atraente, tinha simplesmente uma confiança desenfreada de que era capaz de qualquer coisa*", Casanova, dixit; já ouviram coisa mais satânica? •



Portugal

(manifesto número dois, Invictadura)

Aires Ferreira



Portugueses e portuguesas,
o meu nome é Aires
e vou explicar-vos porque as tendes
tesas.

Une-nos a língua e o fado,
e no nosso cérebro,
urge ter o caminho pensado.

Crianças gordas um fardo?
E as senegalesas sem água para be-
ber?

Bem sei que custa a crer
que tal destino nos aguarde
no entanto, não há um de nós,
que não enfarde.

E enquanto isso carvão arde
para manter a máquina a mexer.

Pouca-Terra, Pouca-Terra, Terra-
-Nenhuma.

Não sei se estás bem a ver,
mas dinheiro não tira apetite.
E sem comer, não há quem não fique,
resmungão.

Daí tudo isto, espécie d'expurgação,
pensar sempre em ascensão,
não vá feito crente
contra a parede de betão
onde a maioria bate com a cabeça.

E não há quem não enlouqueça
quando vai ao detalhe.
Não é conspiração, é garantido
que não há pirâmide que não
falhe!

Ninguém é mais,
especialmente tu.

Mas vamos ao Euro
que o dinheiro é que importa.
E tu, leitão sedento a mamar na porca
do pensado para te escravizar.

Compras tudo por estrear,
e não dás valor a nada que valha.
Encheste-te de tralha que não pre-
cisas,
e filho, tu piramizas, piramizas.

FMI, fodem-me a mim e a ti.
Não querem saber,
porque tu e eu,
somos números
num gráfico fácil de ler.

E ler, é coisa que não fazes.

Do branco ao negroeiros!
Antes de mim já foram primeiros
a avisar que este peixe vem do talho
e ninguém fez um real caralho.

Os teus pais fascinados pela tecno-
logia,
tu a repetir-lhes os passos,
e vai-se a ousadia em laços de repe-
tição.

Assim não, não é?

Perdi-me três vezes no Gerês,
e não sei ir ao Seixal.
Até gosto de Guimarães,
enfim, eu adoro todo o Portugal!

Mas a Natureza daqui,
é a de França, do Zimbabué e do
Haiti.

Fronteiras, cartões, bandeiras, na-
ções

governos, e todos temos,
problemas.
Nem lógicas, nem sistemas,
nada resolve.
Somos rocha que se dissolve
a cada onda de estupidez.
Mas sem olhos, e só talvez,
percebas tudo ligado.
Não há quatro, sem três.

A genética passa tudo,
a consciência permite o estudo
e é causa e efeito até ao fim!

Tudo isto para dizer – que para
mim! -

o problema do nosso país é sê-lo.
Não precisas de tribo, grupo, carim-
bo ou selo,
que se foda o hino, a bandeira e a
nação

caguei para o psi20 e a inflação.
O dinheiro destroi-te a sanidade
e o ego fecha-te a tampa do caixão.

A puta da comida nasce do chão!
Logo, a tecnologia deve servir agora
um propósito de automatização,
ou seja, máquinas como extensão do
intelecto,
e deus, só mesmo se for o arquitecto.



A evolução requer patrão!
Aldrabão!
Porque a satisfação vem da ideia
e não, da marca, nem do produto,
nem do construtor.
Afinal de contas,
o material acaba sempre num con-
tentor.

Faço-me entender, estupor?

Menos nervos, filhos menos nervo-
sos.

Continuai servos, e vede cresce-los
horrorosos.

Um monte de piolhosos sem cabelo,


*“Une-nos a língua e o
fado,
e no nosso cérebro,
urge ter o caminho
pensado.”*


que querem tudo fácil, rápido e
foda-se
se o outro tem, eu tenho de tê-lo!

E ninguém percebe,
que a evolução não explica a ausên-
cia de pêlo.

Mas voltemos aos tempos críticos,
o que caralho te são os políticos?
Nada te deve ordenar, porque se
souberes pensar,
chegas lá sem ajudinha.
Por agora, parece-me é que tens a
tola doentinha,
da tv.

O Goucha seca a encefálica a quem
o vê,
mas se dá nas notícias, toda a gente
crê!

E a vida foge-te por um ecrã,
onde simulas ser dono e senhor,
seja do que for, só para matar a dor
de não ter, seja que de tipo for,
poder.
Programar através da tela, televisão.

E resultou.
mas se lês,
já me dou, por contente.
Eu abro o alçapão,
agora só depende de ti,
ser diferente. •



Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011